

# GAZETA DOS CAMINHOS DE FERRO

REVISTA QUINZENAL DE TRANSPORTES, ELECTRICIDADE, FINANÇAS,  
TELEFONIA, AVIAÇÃO, NAVEGAÇÃO E TURISMO

Integrada na «Associação Portuguesa da Imprensa Técnica e Profissional»  
e na «Federacão Internacional da Imprensa Técnica e Profissional»

PREMIADA NAS EXPOSIÇÕES:

GRANDE DIPLOMA DE HONRA: Lisboa, 1898; — MEDALHAS DE PRATA: Bruxelas, 1897; — Liège, 1905; — Rio de Janeiro, 1908  
MEDALHAS DE BRONZE: Antwerpia, 1894; — S. Lúiz, Estados Unidos, 1904

Delegado em Espanha: A. Mascaró, Nicolás M.<sup>a</sup> Rivero, 6 — Madrid  
Delegado no Pôrto: Alberto Moutinho, Avenida dos Aliados, 54 — Telefone 895

## S U M Á R I O

Página artística: Automotora eléctrica da «Sociedade do Estoril», reparada e adaptada às três classes nas oficinas de Lisboa. — Figuras que desaparecem. — O concurso da ponte sobre o Tejo, pelo Eng.<sup>o</sup> J. FERNANDO DE SOUSA. — Uma obra de assistência. — Direcção Geral dos Caminhos de Ferro. — Concursos. — Vida dos Ferrovíários. — Crónica de uma viagem pela Europa, por JOAQUIM IMEDIO, Director da revista «Caminos de Hierro». — Caminho de Ferro Francês. Pelo estrangeiro, por ALEXANDRE SETTAS. — À Tabela, pelo Eng.<sup>o</sup> ARMANDO FERREIRA. — Linhas estrangeiras. — A propósito da catástrofe da mina de Gresford, por ALPHASIGMA. — Aviação. — Há quarenta anos. — Justo preito à memória de Plácido de Abreu.

1934

**FUNDADOR**

L. DE MENDONÇA E COSTA

**DIRECTORES**Eng.<sup>o</sup> FERNANDO DE SOUZA  
CARLOS D'ORNELLAS**SECRETARIO DA REDACÇÃO**

OCTAVIO PEREIRA

**REDACÇÃO**Eng.<sup>o</sup> M. DE MELO SAMPAIOEng.<sup>o</sup> ARMANDO FERREIRA

DR. AUGUSTO D'ESAGUY

JOSÉ DA NATIVIDADE GASPAR

**EDITOR**

FERNANDO CORRÊA DE PINHO

**COLABORADORES**

General JOÃO D'ALMEIDA

Brigadeiro RAUL ESTEVES

Coronel CARLOS ROMA MACHADO

Coronel Eng.<sup>a</sup> ALEXANDRE LOPES GALVÃO

Engenheiro CARLOS MANITTO TORRES

Capitão de Eng.<sup>a</sup> MARIO COSTA

Engenheiro D. GABRIEL URIGUEN

Engenheiro PALMA DE VILHENA

Capitão de Eng.<sup>a</sup> JAIME GALOCoronel de Eng.<sup>a</sup> ABEL URBANO

Dr. ARMELIM JUNIOR

Dr. ALFREDO BROCHADO

Dr. JACINTO CARREIRO

Tenente HUMBERTO CRUZ

Capitão BELMIRO VIEIRA FERNANDES

ALEXANDRE FILIPE SETTAS

**DELEGAÇÕES**

Espanha — A. MASCARÓ

Porto — ALBERTO MOUTINHO

**PREÇOS DAS ASSINATURAS E NÚMEROS****AVULSO***PORTUGAL* (semestre) . . . . . 30\$00*ESTRANGEIRO* (ano) £ . . . . . 1.00*ESPAÑA* ( ) ps.<sup>as</sup> . . . . . 35.00*FRANÇA* ( ) fr.<sup>os</sup> . . . . . 100*ÁFRICA* ( ) . . . . . 72\$00

Empregados ferroviários (trimestre) . . . . . 10\$00

Número avulso. . . . . 2\$50

Números atrasados. . . . . 5\$00

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS  
RUA DA HORTA SÉCA, 7, 1.<sup>o</sup>

Telefone P.B.X 2.0158

DIRECÇÃO 2.7520

# Figuras que desaparecem

## DR. BRITO CAMACHO

Com a morte do Dr. Brito Camacho perderam as letras lusas um dos seus mais valiosos ornamentos, como cooperador de grande destaque.

Fecundo escritor, mestre na prosa elegante, sádia e castiçamente portuguesa, foi além disso um jornalista combativo, arguto, completo na observação dos assuntos a escalar pelisar, ainda que às vezes contudente mas sempre ed cintilante brilho plumífero.

Afirmava convictamente fôsse o que fôsse e, sem temer o desagrado de quem assim contrariava ou rebatia; pugnava com denodo, elegância e clara argumentação os seus pontos de vista; atacava com franca lealdade e destemida corágem os seus adversários de ideas, mas sempre foi honesto nos processos que empregou.

Poderia ter-se aproveitado das suas especiais situações de destaque para vir a usufruir as benesses de que sempre se afastou renunciando assim à sua conveniência ou interesses próprios.

Errou, pode dizer-se sem vislumbres de dúvida. Mas quem ousa confessar-se impune de faltas se, por condição essencial dos humanos, a todos se podem atribuir êrrros.

Na política foi, sem trair o seu fogoso espírito de verdadeiro rebelde, sincero e também arrojado, tanto nas afirmações como nos ataques, ou nos campos em que contrariava adversários.

Como homem público foi deputado, ministro em mais de uma pasta e Alto Comissário do Governo, em Moçambique.

Á sua proverbial modéstia bem se lhe pode juntar a virtude de sempre ter sido um carácter honrado. Cabe-lhe, por isso, o justo galardão de deixar à sua memória, isenta de maus atributos, a virtude suprema da probidade.

Viveu pobre e nada ligou aos seus senão a sua obra literária e a recordação duma conduta lídima que tem juz à nossa sentida, humilde e sincera homenagem.

# O CONCURSO DA PONTE SOBRE O TEJO

Pelo Engº J. FERNANDO DE SOUSA

**P**UBLICOU a *Gazeta*, há meses, os diplomas do concurso, que se abriu para a concessão da ponte sobre o Tejo.

Definiram-se neles as dimensões características da ponte: largura dos taboleiros sobrepostos, sendo o superior de via dupla para o caminho de ferro e o inferior para a estrada; altura livre para a navegação, ligação com a linha férrea de circunvalação na margem direita.

Pelo que respeitava às condições financeiras, fixava-se a duração de concessão e oferecia-se como remuneração de capital o produto líquido das portagens cobradas em harmonia com as taxas propostas no concurso e acompanhadas da lei da sua variação durante o período de concessão.

As sondagens hidrográficas e geológicas definiam os apoios que se houvesse de projectar.

Deixava-se plena liberdade de escolha de tipo de ponte, quer na matéria de que fosse feita, quer na forma e nas aberturas dos vãos. O projecto definitivo seria elaborado depois do concurso.

Previam-se os prazos para deliberações sobre o concurso, celebração do contrato apresentação e aprovação do projecto e execução da obra, o que representava o total de oito anos.

Tive então ensejo de ponderar que se me afigurava mais racional determinar previamente o tipo da ponte. Com fundações dificeis, que obrigam a considerável altura dos pilares, há conveniência em alargar os vãos dentro de certos limites.

Recorre-se aos arcos, a vigas rectas, ou de tipo *Cantilever*?

Abriu-se concurso para uma obra de tal monta sem a definir previamente, nem ter conhecimento suficientemente aproximado do seu custo?

Oferece-se a capital tão avultado remuneração incerta, que nem *grosso modo* se pode avaliar? Quem poderia elaborar conscientemente uma tabela complexa de multiplas portagens, que abrangesse a lei da sua variação durante 40 anos, e ter assim assegurado juro e amortização de um capital formidável, que se não aventuraria a longa imobilização aleatoria?

Em tais condições não haveria concorrentes, ou alguns que viesssem apresentariam propostas fóra das condições do concurso, que não poderiam ser tidas em conta sem ofensa de direitos do que a elas julgassem dever cingir-se.

Por todas essas razões advoguei sempre o procedimento por etapas sucessivas.

Na primeira, que se realizou, determinar-se-ia o alinhamento da ponte com o seu reconhecimento por

sondagens hidrográficas e geológicas suficientes; fixar-se-iam as dimensões características e a disposição das avenidas.

Na segunda um concurso de ante-projectos, com prémios convidativos, entre engenheiros de comprovada competência na especialidade, daria lugar á escolha do tipo da ponte, ao seu delineamento geral e á estimativa do seu custo aproximado.

Fixada assim a base técnica e financeira de empreendimento era preciso assegurar ao capital o rendimento preciso.

Ou se fazia um simples concurso para a empriadada de construção paga em determinado prazo, angariando o Estado os recursos precisos por empréstimos sucessivos.

Os encargos seriam total ou parcialmente compensados pelo rendimento de portagens. A provável deficiência tinha a sua contrapartida na capital importância económica, administrativa e militar da ligação directa das estradas e caminhos de ferro que nas duas margens do Tejo afluem á capital.

Não comprehendo o desfavor com que é actualmente encarada em regiões oficiais a garantia de juro extravagantemente equiparada a expediente de fidalgo arruinado (*sic*).

Os exemplos existentes não abonam tal juizo.

A soma dos complementos de juro garantido, abonados por concessões de caminhos de ferro, embora mediante fórmulas imperfeitas, tem sido em parte reembolsado, vence juros e tem como penhor o material circulante. A linha do Oeste já reembolsou todos os adiantamentos, do Vouga já tem reembolsado mais de um terço, e da Beira Baixa está há muito no período de reembolso.

Em contrapartida o Estado tem recebido milhares de contos de impostos sobre o tráfego e de outras contribuições, cuja matéria colectável foi criada pelo caminho de ferro e viu acrescentados ao seu património muitos centos de quilómetros de caminhos de ferro, que receberá no fim das concessões em perfeito estado de conservação.

Todos os contratos, que o Estado fizesse, fôssem tão maus como êsses.

Tem-se alegado contra as garantias de juro que incitam à exploração acanhada em vez do esforço para desenvolver o tráfego e tornar as linhas produtivas.

Esse defeito não é do sistema e sim da imperfeição das fórmulas de exploração que é fácil evitar.

Nem êsse inconveniente podia ser contraposto à garantia da ponte sobre o Tejo. O concessionário teria apenas que ocorrer à conservação da obra e polícia da circulação e à cobrança das portagens. Só o exa-

gero destas podia atrofiar o tráfego e por isso mesmo não convinha fixa-las de antemão para largo período.

Devia haver facilidade de as modificar conforme as circunstâncias e a experiência aconselhassem. Por isso considero duplamente errónea a tabela de portagens tomada para base financeira da concessão.

O Estado deve ter plena liberdade de fixação e variação das portagens e o rendimento destas, indeterminável ao presente, não pode constituir remuneração segura e suficiente que se ofereça a tão avultado capital.

Só dois sistemas se ofereciam pois, a meu ver, à escolha: empreitada ordinária de construção paga com o produto de empréstimos, ou concessão após concurso preparatório de ante-projectos, com garantia de juro, tomando-se para base do concurso a duração da concessão e ficando o Estado com a plena liberdade de fixação das taxas de portagem.

\* \* \*

Foi outro o caminho seguido.

Depois da abertura do concurso numerosas empresas metalúrgicas e construtoras examinaram o programa e caderno de encargos, mas só duas propostas foram apresentadas: uma em inteira discordância das condições postas, pois não propunha as taxas de portágem, e a outra, que as propunha sob forma inaceitável, pois fazia-as todas funções de um factor a determinar por acordo com o Governo.

Havia entre o custo da obra indicado pelas duas uma diferença de 260.000 contos aproximadamente.

Nenhuma das propostas podia ser aceita.

Por isso, em artigo de *A Voz* de 4 de Setembro, ponderei o seguinte que tem aqui todo o cabimento:

**Que se deve pois fazer agora?**

**Não aceitar nenhuma das propostas, nem negociar sobre elas.**

Ha que voltar à etapa racional de abrir um concurso de ante-projectos com prémios, que sejam estímulo suficiente para trabalho de tal monta.

Não é razoável que para a realização de obra de tal magnitude se vá sem a definir primeiro tecnicamente, sem que o Estado saiba o que custará, nem diga o que pretende e julga mais conveniente. E a maneira de o dizer é suscitar estudos de valor e autorizados e escolher o que melhor juígue como tipo da obra, com o custo aproximado indicado por estimativa.

Sabendo o que prefere e o que lhe custa, fica também conhecendo com suficiente aproximação o encargo financeiro de juro e amortização. Comparado êste com a receita provável das portagens, sabe-se o encargo a contrair, ou pela anuidade garantida, ou pela dos empréstimos para o pagamento de uma empreitada ordinária.

Desde que se decida a forma de contratar: empreitada paga em certo numero de anos, ou a concessão com o encargo de conservação e exploração e garantia do complemento do rendimento líquido, necessário para o juro e amortização do capital á taxa que se fixar, pode-se abrir novo concurso em bases bem definidas e a que virão numerosas casas construtoras. Esse concurso teria uma unica variante: o custo global da obra, com clausulas cuidadosamente redigidas acerca dos trabalhos a mais, ou a taxa de juro para a determinação da anuidade garantida ao capital arbitrado para custo da ponte.

Qualquer das formulas só pode ser aplicada mediante novo concurso. A êsse propósito escrevi, em artigo de 27 de Março último:

*Suponhamos, na pior das hipóteses, que o concurso fica deserto ou que aparece alguma proposta, com o pedido, porém, de garantia de juro.*

*Deve dá-la o Estado?*

*Carece para isso de abrir novo concurso?*

*A ambas as perguntas respondo afirmativamente.*

*Na pior das hipóteses, em que o rendimento líquido seja inferior aos encargos do capital e o Estado tenha de adiantar anualmente, como complemento reembolsável, alguns milhares de contos, não presta a ponte de serviços de ordem económica, administrativa e militar, de incalculável valor? Não valerá bem esse sacrifício pecuniário a vantagem de ter todo o Sul do País em faceis e constantes relações com Lisboa, sem sujeições de travessia da via fértil?*

*Quando seja preciso a garantia, não pode ser dada sem novo concurso, alás haveria privilégio para o concorrente que, menosprezando o cálculo de encargos, exigisse auxílio, que este negava. Com razão protestariam os outros concorrentes. Assim pois, não se hesite em recorrer à garantia de juro, se assim for preciso, para assegurar a realização de um melhoramento de transcendente valor, cujos encargos podem ser nulos ou insignificantes e em qualquer caso comportaveis.*

No caso de concessão, a garantia de juro é a melhor fórmula financeira, que nenhum inconveniente oferece. Ha só que fixar a taxa.

As conclusões formuladas então, repito-as agora.

*Não haja descabidos melindres de amor próprio.*

*Estamos perante a maior obra projectada no nosso país e que enfileira entre as grande construções congêneres mundiais.*

*Pela seqüência dos estudos e discussões travadas desde longa data amadureceu a idéa e só em 1930 teve consagração oficial pela inclusão da ponte no plano geral da rede ferroviária, de que fui relator.*

*Nenhum governo prometera até então construir a ponte. Na altura devida e depois da classificação mandaram-se fazer os estudos preparatórios e ultimamente abriu-se o concurso, em termos porém, que não deu, nem podia dar, resultado.*

*Perlieram-se cinco anos, o que nada é para obra de tal magnitude.*

*Trate-se agora de a definir convenientemente, pois parece que o Governo português empreenderá a sua execução e chame a concurso construtores sem a definir previamente.*

*Impõe-se portanto o concurso de ante-projectos com prémios condecorados, a que sejam admitidos engenheiros nacionais e estrangeiros de comprovada competência na especialidade.*

*Só depois de ante-projecto assente, do custo avaliad, com aproximação, se deve fazer o apelo às casas construtoras, oferecendo seguranças financeiras eficazes, ou pelo pagamento da obra, ou por concessão com a garantia do complemento da anuidade. As duas propostas agora apresentadas não podem ter o privilégio de servir de base a negociações inteiramente ulheias ao concurso que se abriu.*

*E sobretudo, f que ao Governo plena liberdade de estipulação das taxas de portágem. O rendimento será provavelmente avultado, não porém suficiente para os encargos da obra.*

*Nada de precipitações! Não se menosprezem as condições essenciais do problema.*

*Relevante serviço prestará ao país o sr. Ministro das Obras Públicas, resolvendo-o e resolvendo-o bem.*

*Aguardamos a solução de tão importante assunto.*

# Uma obra de assistência

## Em Paredes de Coura foi inaugurado o «Sanatório Presidente Carmona»

*(Do nosso enviado especial)*

**N**A freguesia de Moselos, a poucos quilómetros de Paredes de Coura, está erigido o mais recente baluarte para a defesa dos males que a medicina combate com firme decisão e ampla consciência dos seus aperfeiçoados conhecimentos técnicos.

Este novo estabelecimento, de modelar construção, alcandora-se a cerca de dois terços da altura dum penhascoso monte, onde grandes frágulas se encaixam entre tufo de interessante vegetação.

Sobranceira a essa grandiosa obra que por filantrópica intenção acaba de ser realizada, mostra-se, ao cimo, desde bem longe, a alvinitente Capelinha de Nossa Senhora da Pena que, por influência toponímica, cede o nome que à Virgem serve, a toda a iminência do terreno que se eleva até uns quatrocentos ou quinhentos metros de altitude.

Foi aí, no ponto mais pitoresco desse magnífico lugar e banhado pelos ares puros da região que, no decorrer do ano de 1919, por principal iniciativa do general Carlos Augusto de Vasconcelos Pôrto se esboçaram as primeiras obras do que, passados mais de três lustres, se tornou em esplêndida e confortável casa de cura para aqueles que forem atingidos pelos males pulmonares.

Mas, para se coroar com tão feliz efectivação esta formidável obra de assistência, muitas energias se dispenderam, enormes sacrifícios se impuseram, grandes esforços e dedicações se evidenciaram. Intermináveis canceiras se exigiram em nome do sentimento do Bem, para poder legar ao próximo esta valiosa barreira, apetrechada a primor e melhor dirigida, para obstar ao avanço dum dos maiores flagelos da humanidade: a tuberculose.

Bastantes fôram as circunstâncias perturbadoras da intenção delineada, muitíssimos os óbices e enormes, grandiosos, colossais, os esforços bem determinados para a eficiente realização da idéa que há muitos anos partira do espírito caritativo e benemérito do ilustre general Vasconcelos Porto, actualmente, delegado do Governo, junto da C. P. e que teve a auxiliá-lo, além de modestos cooperadores, o seu irmão Dr. Nuno de Vasconcelos Pôrto, individualidade, também, em destaque e de

grande preponderância nas antigas rôdes ferroviárias.

Mas, como a contrapôr aos naturais atritos em empresas desta ordem se colocou a vontade enérgica, firme e bem acendrada do Dr. Lobo Alves, director dos Serviços Sanitários dos Caminhos de Ferro, resultou dessa acertada medida administrativa a inauguração do Sanatório Presidente Carmona, no dia 16 do próximo pretérito mês de Setembro e da qual nos permitimos dar, em extrato, algumas singelas notas de reportagem.

Porém, ainda antes de entrarmos propriamente no assunto, sejamos permitido trasladar para aqui, em breve resenha, as palavras com o que o Dr. Matos Rodrigues historiou o passado desta importante obra de assistência social.

«A idéa da construção de Sanatórios para ferroviários pertence, como é do domínio de todos, ao Dr. Carlos de Vasconcelos Pôrto e teve a sua primeira realização em S. Brás de Alportel, no Algarve, onde se instalou e está a funcionar o primeiro estabelecimento hospitalar, para tuberculosos empregados nos caminhos de ferro, o qual actualmente é dirigido pelo Dr. Alberto de Sousa.

Foi Paredes de Coura a terra escolhida para séde do segundo sanatório, cuja construção se iniciou em 1919 com a colaboração preciosa do ilustre engenheiro Sr. João Teixeira de Queiroz, o qual dirigiu inicialmente a sua construção onde pôz todo o seu zêlo inexcedível. Porém, a manifesta falta de recursos financeiros para o prosseguimento das obras obrigou estas a arrastarem-se durante largos anos, sem que lhe fosse permitida a menor aceleração nos trabalhos.

Reconhecida a insuficiência dos recursos financeiros para acudir aos encargos com a manutenção do Sanatório de S. Brás de Alportel e a construção deste outro, foi então publicado em 1924 um diploma — o decreto n.º 9.579, — que criou um adicional sobre todas as receitas do tráfego dos caminhos de ferro e cujo rendimento permitiu um certo desafogo, não só na continuação das obras como também na aquisição e colocação do material sanitário e de aquécimento.

Em 1927 e depois do arrendamento das linhas do Estado à Companhia Portuguesa, voltaram a sentir-se dificuldades financeiras, devido a duas ordens de causas: A substituição da Administra-

ção dos Caminhos de Ferro do Estado pela C. P. e a forte diminuição de receita do tráfego ferroviário. Se a estas duas causas juntarmos a necessidade imperiosa, que então se apresentou, de proceder a imediatas e importantes obras reconstrutivas no Sanatório de S. Brás de Alportel, (que teve de ser fechado por evidente estado de ruina das suas instalações), fácil será de compreender, porque, após dez anos do início das obras, se tinham feito, em Paredes de Coura, apenas os muros de suporte e o edifício principal que, em 1929 ainda estava sómente rebocado em parte.

A comissão nomeada ao abrigo da base XIX do contrato de arrendamento das linhas do Estado e da qual fazia parte o Dr. Lobo Alves, tomando posse do seu cargo e após ter feito a sua primeira visita às obras dêsse Sanatório, entendeu não ser económicamente recomendável a construção do edifício para albergar uma lotação máxima de vinte doentes e ainda menos o abandonar as obras já começadas, depois de se haver gasto, de forma bem pouco proveitosa, mais de mil e quinhentos contos.

Por isso o Dr. Lobo Alves propôz acertadamente várias alterações no projecto primitivo, de forma a torná-lo aproveitável e a poder comportar para um mínimo de quarenta doentes.

Devido às dificuldades financeiras, já acima expostas, só em 1930 foi possível realizar as obras de adaptação necessárias ao aumento de internados do Sanatório, estando já nessa altura a dirigir as obras o destino engenheiro da C. P. sr. José Rodrigues Serrão que, com um elevado espírito de sacrifício ainda hoje dirige as obras conseqüentes do «Sanatório Presidente Carmona».

Gastaram-se nêle quatro mil contos, aproximadamente, que nessa tarefa se immobilizaram, mas se atentarmos na perfeição do trabalho feito, na excelência de todos os materiais empregados e também nas perfeitas instalações de aquecimento, sanidade, luz e desinfecção, nas terraplenagens feitas e nos muros de suporte construídos, concordaremos que muito se aproveitou do dinheiro dispendido, não obstante as delongas sofridas.

\* \* \*

Vindos do Sul, numa carruágem salão atrelada ao combóio-correio, chegou à estação de Valença, cerca das 13 horas a comissão do Fundo de Assistência e Sanatórios dos Caminhos de Ferro do Estado, composta pelos srs. drs. Matos Rodrigues, Lobo Alves, Director dos serviços sanatórios dos Caminhos Ferro e Luiz Cesar das Neves, chefe da Repartição da Delegação do Govêno junto dos Caminhos de Ferro do Estado, além de vários convidados, entre os quais se viam os srs. Drs. Alberto de Sousa, director do Sanatório de S. Brás de Alportel, engenheiros srs. Álvaro de Sousa

Rêgo, Director Geral do Ministério das Obras Públicas e Comunicações, representando os Caminhos de Ferro do Estado, António Branco Cabral, pela C. P. e o médico-fiscal Dr. Gonçalves Vaz. Igualmente estavam presentes os srs. Dr. António e Ibérico Nogueira, D. António Pereira da Cunha e, investido da representação do Governador Civil de Viana do Castelo, o Dr. Gonçalves Paul e esposa, assim como o Dr. António Emílio de Magalhães, Presidente da Junta de Profilaxia Social e o sr. Machado Pinto, Director Geral da Assistência Pública, além de muitíssimas famílias de representação social.

Pouco depois e já acompanhados pelos representantes da Imprensa os convidados seguiram em automóveis para Paredes de Coura, encantadora povoação que estava em festa pelo acontecimento no vizinho lugar de Moselos e, após uma ligeira paragem em frente dos Paços do Concelho, quase a seguir tomou-se o caminho do Monte da Pena.

Em Paredes de Coura vistosas colgaduras ornamentavam as janelas e verdejantes arcos ornamentais tinham sido levantados, como demonstração do regozijo em que o seu povo se mostrava.

Por toda a estrada, coleante, panorâmica e ingreme se via povo, imenso povo encaminhando-se para o nosso local de destino. E, quando lá chegámos, foi por entre uma compacta massa de circunstâncias que demos acesso ao Sanatório.

À especial gentileza do Dr. Lobo Alves, fomos devendo a circunstância de, numa rápida visita através das perfeitas instalações dêsse estabelecimento obtermos preciosos esclarecimentos sobre a orientação que presidiu ao aproveitamento dessa obra que, a-pesar dum excessivo dispêndio estava condenada ao abandono para o fim a que a destinavam, por confessáveis êrrros de origem.

Não é seu intento menosprezar a competência técnica dos construtores — disse o Dr. Lobo Alves — mas entende que para obras daquela natureza era indispensável conjugar os trabalhos de arquitetura com os sólidos conhecimentos que só um clínico conhedor de tais obras, inerentes à especialidade da sua profissão, poderá indicar.

Contudo, depois das modificações que urgia fazer e com a indispensável protecção dos poderes públicos conseguiu-se assim aproveitar o que já custara mais de mil e quinhentos contos, embora apenas se traduzisse em bem pouco de aproveitável.

Nessa agradável visita vimos que as camaratas dos doentes eram arejadas e bem dispostas; que havia lavabos para cada um, e, junto dêles, em prateleiras, caixas destinadas a guardar os objectos usuais de limpeza e higiene, tais como pentes, escovas para dentes, etc..

Cinco casas de banhos de limpeza e outra para duches, retretes, separadas, amplas, como as mais dependências e com muitíssimo de conforto.

Instalações sem luxo desnecessário e com mobiliário sóbrio, mas agradável, para o director clínico, o Dr. Fonseca Monteiro, enfermeiros e outro pessoal que necessita privar com os internados.

Uma larga galeria de cura e repouso, voltada ao nascente, onde se fixam as quarenta cadeiras-camas e de onde se goza uma vista deliciosa, exasiante, e se observam, dispersas nos socalcos da base do monte, as edificações próprias onde ficam instalados diferentes serviços, tais como lavandarias, desinfecção, padaria, habitações para criados, etc..

Por todas as dependências corre a tubagem de aquecimento, conforto indispensável para no inverno manter um equilíbrio de temperatura. Em todos os pontos onde se torna preciso, há água limpida, puríssima e muito saborosa, colhida no proliferante manancial que brota no próprio monte e é passada por filtros de areia, pelos processos mais novos em uso.

O material empregado é do melhor. Azulejos de excelente fabrico nacional e madeiras do Brasil completam agradavelmente o aspecto geral dessa importante obra que, mais do que a qualquer outro factor se fica devendo à Ditadura.

Cerca das 16 horas chegou em automóvel o sr. engenheiro Barros, delegado do Governo junto dos Caminhos de Ferro.

Inúmeras pessoas, entre elas, médicos, funcionários dos caminhos de ferro, engenheiros, povoadas circunvizinhanças e um adorável grupo de senhoras, após os cumprimentos das individualidades de representação, foram introduzidos no vestibulo pelo Dr. Lobo Alves, onde se deteve no acto da inauguração solene.

Por Madame Laura Paul, graciosa esposa do representante do chefe do Distrito fôram descerradas as lápides comemorativas e que no átrio se encontravam cobertas com bandeiras nacionais, numa das quais está esculpida em baixo relêvo realçado a ouro a seguinte inscrição:

«Sanatório Presidente Carmona. Inaugurado em 16 de Setembro de 1934, sendo Presidente do Concelho de Ministros o professor A. de Oliveira Salazar e Ministro das Obras Públicas e Comunicações o professor engenheiro Duarte Pacheco».

No lado oposto uma outra lápide, semelhante, tinha escrito da mesma forma a seguinte legenda:

«Sanatório Presidente Carmona. Beneméritos: — General Carlos Augusto de Vasconcelos Pôrto e engenheiro João Teixeira de Queirós».

Nessa ocasião o sr. engenheiro Monteiro de Barros, leu o seguinte discurso:

É hoje dia de festa para os ferroviários do Estado. Inaugura-se o seu Sanatório de Paredes de Coura, construído e instalado à custa de inúmeros sacrifícios e cuja obra só agora pôde ser levada a cabo, mercê da dedicação da Comissão Administrativa do Fundo de Assistência e Sanatórios, depois dum largo período em que nem sempre foi de rosas, a vida administrativa do Fundo de Assistência.

Por isso, com a gentilíssima aquiescência de Sua Ex.<sup>a</sup> o Presidente

da República a êste Sanatório foi dado o nome de «Sanatório do Presidente Carmona» para assim ficar perpetuada nesta obra de assistência social o nome de português ilustre que com tão grande aprumo, tão acrisoladas virtudes, tão magnânimo coração e tão devotada abnegação tem presidido a êste fecundo período de ressurgimento e reconstituição nacional.

Período de renovação, por ideais e nos processos, tão diferente do período anterior, que mais diríamos assistir à formação duma nova mentalidade do que à modificação dos sistemas em que colectivamente nos aviltávamos, sem esperança, numa «apagada e vil tristesa».

Período de reconstituição, em que mercê do esforço abnegado de quantos se têm dedicado pela Nação, sentimos e vemos hoje, por toda a parte, para onde quer que nos voltemos, o melhoramento constante dos serviços públicos, o cuidado de bem servir, o progresso material traduzido nas inúmeras obras iniciadas e em via de acabamento, a atenção dispensada aos trabalhadores ao seu conforto e ao seu bem estar.

E dentro êsse escol de português que no Governo tanto e tão bem se têm esforçado é de justiça que os nossos agradecimentos vão em primeiro lugar a S. Ex.<sup>a</sup> o Presidente do Ministério, Dr. Oliveira Salazar, e Ministro das Obras Públicas e Comunicações, engenheiro Duarte Pacheco.

Por isso os seus nomes, nesta singela homenagem que hoje aqui prestamos, ficam bem na placa de mármore que decora o átrio dêste Sanatório, para recordar aos que por desgraça tiverem de vir acolher-se aqui, os nomes do Chefe prestigioso que com o seu exemplo, a sua coragem e a sua devoção aos interesses sacratíssimos da Pátria soube conduzir-nos a esta era de prosperidade e de dignificação pessoal e colectiva.

E não poderia deixar de aqui ser colocado igualmente o nome do engenheiro Duarte Pacheco, ilustre Ministro das Obras Públicas que na gerência dos múltiplos e complexos negócios que correm por êsse departamento da administração, tem demonstrado uma inteligência absolutamente superior, uma visão tão larga a par duma desvelada atenção na defesa dos interesses do Estado, que fazem de S. Ex.<sup>a</sup> um dos melhores valores da geração que tem presidido ao ressurgimento.

São inúmeros os problemas que o engenheiro Duarte Pacheco tem resolvido e em que tem demonstrado a sua competência de homem público. Uns, do conhecimento geral, outros que nem por se não traduzirem em diplomas legislativos, não são de menor importância e não demonstram menos a sua excepcional capacidade de trabalho e a sua visão de estadista eminentes.

Limitando-me porém aos que mais interessam à grande família ferroviária, basta que recordemos o impulso dado às obras de renovação das linhas ferreas do Estado, cuja situação de miserável insuficiência era motivo constante de perigo não só para os que nela circulavam, mas sobretudo para os ferroviários que nelas trabalhavam quotidianamente com risco da própria vida; a construção das casas para moradia dos empregados, alojados a mór parte das vezes em infectos caixotes de madeira sem conforto e sem a higiene mais sumária; a construção das novas Oficinas do Barreiro, padrão que permanecerá a atestar a decisão e a vontade de bem servir, dotando a rede do Sul e Sueste dos elementos indispensáveis para a sua mais eficiente exploração; finalmente o estudo do problema da modificação das condições da actual exploração ferroviária atacada pela concorrência do automóvel e de cuja solução advirá, sem a menor dúvida, o maior dos benefícios para todos os que à indústria ferroviária confiaram os seus interesses: empresas e empregados, ambos solidários nos resultados que do trabalho possam resultar.

Ao Sr. Ministro das Obras Públicas são os ferroviários do Estado devedores de perene gratidão por ter tornado possível a abertura imediata dêste Sanatório e creia S. Ex.<sup>a</sup> que o seu nome não será esquecido, porque já mais o Povo, que somos todos nós, esquece os que se dedicam a melhorar o seu bem-estar e a assegurar as condições de uma obra de assistência social como esta conseguindo-lhes a sua rápida conclusão, de modo que os infelizes que dela venham a carecer encontrem o repouso e os meios de tratamento para o seu mal, quiçá até, a sua cura definitiva.

Singela e modesta como é esta homenagem, nem por isso ela representa da parte dos seus organizadores menos reconhecimento por todos quantos a obra do Sanatório dedicaram os seus esforços. Por isso gostosamente cabe referir-me aos ilustres Administradores da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, que sempre tão generosamente contribuíram com tudo quanto à Comissão dos Sanatórios lhes solicitou para a sua construção e apetrechamento e aos engenheiros João de Queiroz e José R. Serrão que superintenderam nas obras da sua construção.

E ao retirarmo-nos, levemos todos a consoladora impressão de termos contribuído para alguma coisa de belo e grande: a inauguração desta obra de assistência social em que algumas dezenas de infelizes poderão encontrar meio de tratamento para o seu mal e nada é mais consolador para os nossos corações do que a consciência de termos procurado salvar a vida ameaçada dos nossos companheiros de trabalho, daqueles que nos habituámos a ver nas Oficinas, nas máquinas, nas linhas, e, cujos sacrifícios pelos deveres dos seus cargos apreciamos sempre tão justamente

Seguidamente o Dr. Matos Rodrigues leu o seguinte telegrama que o Chefe do Estado enviou as sr. Dr. Duarte Pacheco e era concebido nos seguintes termos:

«Com os meus melhores cumprimentos e agradecimentos, faço muitos e calorosos votos para que a bela obra que V. Ex.<sup>a</sup> hoje inaugura prestes sempre os mais úteis e assinalados serviços ao tratamento de cura dos ferroviários do Estado que a esse Sanatório tenham de acolher-se».

Na mesma ocasião foram igualmente lidos outros telegramas dos srs. Leal Marques e Dr. Beirão da Veiga.

Depois o sr. Dr. Lobo Alves, na sua qualidade de vogal da Comissão do Fundo de Assistência e dos Sanatórios dos Caminhos de ferro do Estado, falou num à vontade surpreendente pela leveza e elegância das frases, apontando muito judiciosamente os defeitos da construção, apreciando a localização do Sanatório, longe dos centros ferroviários e até da linha ferrea, acabando por elogiar o que nele há de tão optimo que, sem receio de temer confrontos se pode igualar aos melhores da Península e considerá-lo até mesmo superior a muitos que viu em França e outros pontos do estrangeiro.

Por fim, não esquecendo o quanto aquêle Sanatório ficou devendo ao Governo da ditadura, teve frases de grande reconhecimento pelas atenções e auxílios prestados, enaltecedo nessa ocasião a personalidade máxima do Estado Novo, na pessoa do seu ilustre presidente do Ministério a quem consideram, pitorescamente, como um grande homem com H grande.

De facto é ao sr. Dr. Oliveira Salazar que o prosseguimento das obras e conclusão do edifício, além do apetrechamento clínico se ficou devendo.

Aproveitando a oportunidade o ferroviário, máquinista de 1.<sup>a</sup> classe sr. Luis Alves da Costa, delegado do pessoal operário junto da Comissão de Assistência e Sanatórios dos Caminhos de Ferro, agradeceu nessa qualidade, em humildes palavras repassadas de ternura, a tôda a assistência o facto de honrarem a solenidade do acto com a sua presença, tornando-o assim mais brilhante. Igualmente agradeceu a todos os que contribuíram com o seu auxílio moral e materia para assim se poder ter completado aquela grandiosa obra de assistência, para benefício dos seus colegas ferroviários que por cruel infelicidade tenham de recorrer ao seu acolhimento.

Depois o engenheiro Branco Cabral, secretário geral da C. P., afirmou que a Companhia não deixaria de continuar prestando o seu auxilio aos sanatórios.

Também o director clínico do Sanatório, dr. Fonseca Monteiro, a quem o sr. dr. Lobo Alves rendera justos encómios pela sua competência e

probidade profissional, se mostrou satisfeito pela criação do importante melhoramento no concelho de Coura, onde exerce a sua clínica. Saberá cumprir os seus deveres, pois está senhor das responsabilidades do lugar, e teve estas frases: «Tudo pelos doentes. Nada contra os doentes». Prestou as suas homenagens a quantos contribuíram para a edificação do sanatório, e muito principalmente aos drs. Lobo Alves e Ramos Pereira.

A seguir o sr. dr. António Emílio de Magalhães, que à profilaxia social tem dispensado o melhor carinho, encerrou a série dos oradores. Aludi às palavras do dr. Lobo Alves, que classificou de «verdades como punhos». Notou que com 4.000 contos não teria sido possível realizar uma mais ampla obra de humanidade e assistência. Apontou aos presentes o nome do dr. Azeredo Antas, que realizou o trabalho valioso de catalogação das ilhas do Pôrto, para tirar conclusões de que a obra essencial a realizar para evitar a propagação da tuberculose é a de resolver os problemas da habitação, da higiene e do salário minímo. Referiu-se ao «veneno nacional» em que foi transformado esse bom alimento que é o leite, pelos nenhuns cuidados que se lhe dispensem e chamou a atenção do representante do Governo para o problema da higiene pública, base da saúde do povo.

Este discurso foi também muito justamente premiado com grandes aplausos e o dr. Emilio de Magalhães muito cumprimentado.

Terminado o acto inaugural, franqueou-se a entrada ao público que, junto ao portão se aglomerava e logo percorreu o edifício; não se cançando os populares de admirar tudo o que nas suas instalações há digno de observar-se.

Por fim, numa das salas, foi sevido um esplêndido «Pôrto de Honra» que serviu para a troca de efusivos brindes o primeiro dos quais celebrado ao patronato do Sanatório, o ilustre chefe do Estado levantado pelo sr. engenheiro Monteiro de Barros e correspondido prodigamente pela selecta assistência.

#### NOTAS VÁRIAS

Entre outras pessoas, assistiram os srs. presidente da C. A. da Câmara de Paredes de Coura, dr. Antonio Nogueira; vereador António José da Cunha; engenheiro adjunto dos Caminhos de Ferro, Rafael Marques da Costa Carvalho; D. Antonio Pereira da Cunha; dr. Inocencio Barbosa, medico do Hospital de Cerveira; dr. Iberico Nogueira, medico em Valença; engenheiro Henrique Pereira Pinto Bravo; engenheiro Alvaro de Sousa Rêgo, director geral dos Caminhos de Ferro; Dr. Manuel Gonçalves Paul, secretario geral do governador civil de Viana do Castelo, que representava o chefe do distrito; Manuel Julio Loureiro Sousa; dr. Francisco Santos Rompana, medico adjunto da C. P.; dr. Azeredo Antas; dr. Antonio Rama-

lho; Inocencio Cabral; Luiz Machado Pinto, director geral da Assistencia Pública; dr. Alberto de Sousa, director do Sanatorio de S. Braz de Alportel; dr. Gonçalves Vaz; Antonio dos Santos Cabañas; Antonio Alves da Costa; Joaquim Fonseca Monteiro; Luiz Cesar das Neves; padre Alfredo José da Silva Machado; Raul Esteves dos Santos da Revista Portuguesa de Comunicações; António José da Cunha; Eduardo Pereira Bacelar, correspondente de *O Primeiro de Janeiro* em Paredes de Coura; Amilcar de Oliveira, correspondente do *Diário Português*, do Brasil; José Guilherme Machado; Francisco Cunha Ribeiro; Emílio de Viterbo, do «Primeiro de Janeiro», do Pôrto; Alexandre Filipe Settas, da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*; Alfredo Barros, de *A Plebe*, de Valença; Jaime Ferreira do *Comércio do Pôrto*; Joaquim Evangelista da Silva; Alberto Alfredo Lima Machado, etc..

— Assistiram também além dos representantes da Imprensa do Porto e de Lisboa e muitas senhoras.

— O serviço do *Pôrto de Honra*, que foi fornecido pelo restaurante da estação de Valença, por ter sido primoroso, confirma inteiramente os cré-

ditos de que aquele estabelecimento gosa, pelo que felicitamos o nosso amigo sr. Abilio Condeixa.

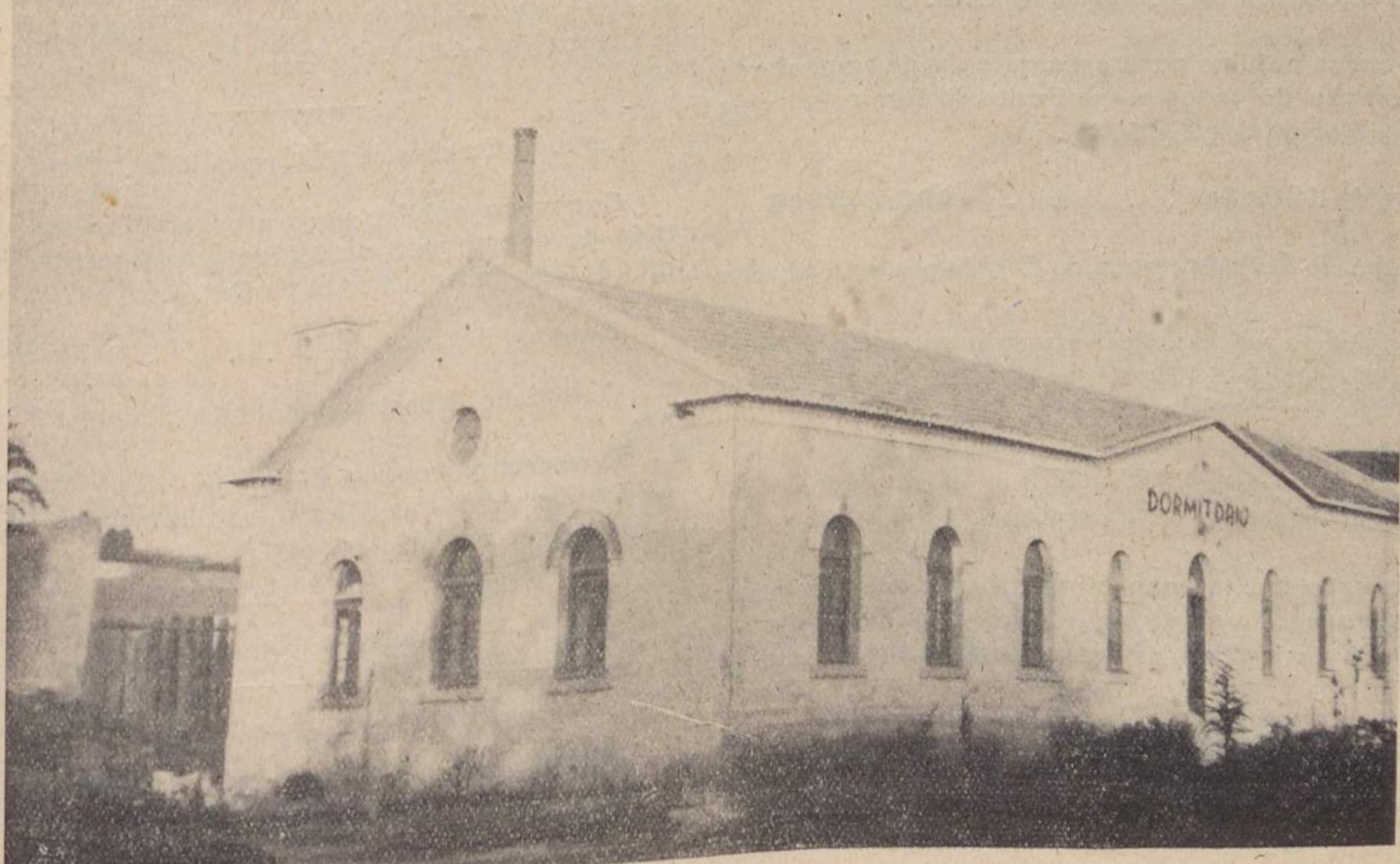
— Os representantes da Imprensa e convidados a assistir á inauguração eram aguardados na estação de Valença pelo sr. Luiz Cesar das Neves, digno chefe da repartição da Delegação do Governo junto dos Caminhos de Ferro e secretário da Comissão Administrativa do Fundo de Assistência e dos Sanatórios. O sr. Cesar das Neves usou de extrema àmabilidade para com o representante da *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, o que nos cumple agradecer.

— A «Acta de Inauguração» foi o termo de abertura do Livro dos Visitantes do Sanatorio, sendo assinada pelo representante do Governo, entidades oficiais, médicos, Imprensa e muitas outras pessoas.

— O edifício ostentava uma vistosa decoração de colchas, bandeiras, arbustos e flores, em disposição, de lindo efeito.

— O enviado da *Gazeta dos Caminhos de Ferro* dirigiu ao sr. Dr. Lobo Alves, em breves palavras uma simples saudação que muito desvaneceu o ilustre médico.

## DIRECÇÃO GERAL DOS CAMINHOS DE FERRO



BEJA - Dormitório de pessoal

# CONCURSOS

Encontram-se abertos os seguintes concursos:

## OBRAS PÚBLICAS

### Junta Autónoma de Estradas.

Em 3 de Outubro de 1934, pelas 15 horas.

**Concurso público para a arrematação da empreitada de reparação e betuminização do trôço entre Alenquer e as proximidades do Cercal (Estrada Nacional, n.º 70-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 2.021.221\$00**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo processo de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos Serviços de Construção.

Em 3 de Outubro de 1934, pelas 15 1/2 horas.

**Concurso público para arrematação da empreitada de construção e empedrado do trôço entre a Portela do Guardão e Carvalhal (Estrada Nacional, n.º 39-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 608.196\$00**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo processo de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos serviços de Construção, e em Viseu na 16.<sup>a</sup> Secção.

Em 3 de Outubro de 1934, pelas 16 horas.

**Concurso público para arrematação da empreitada de reparação do trôço entre Ponte do Sôr e Galveias (Estrada Nacional, n.º 88-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 606.745\$45**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo processo de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos Serviços de Construção e em Portalegre, na 1.<sup>a</sup> Secção.

Em 3 de Outubro de 1934, pelas 16 1/2 horas.

**Concurso público para arrematação da empreitada de construção do empedrado dum trôço do Ramal de Montalvão para Niza (Ramal da Estrada Nacional, n.º 87-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 55.783\$96**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo processo de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos Serviços de Construção e em Portalegre na 12.<sup>a</sup> Secção.

Em 10 de Outubro, pelas 15 horas.

**Concurso público para arrematação da empreitada de construção do empedrado do lanço entre Cercal do Alentejo e Portela da Maceira (Estrada Nacional, n.º 20-1.<sup>a</sup>) e trôço dentro do Cercal (Estrada Nacional, n.º 98-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 1.309.639\$30**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo caderno de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17, na Direcção dos Serviços de Construção.

Em 10 de Outubro, às 15 1/2 horas.

**Concurso público para a arrematação da empreitada de construção do empedrado do lanço entre Vila Nova de Milfontes e Cercal do alentejo (Estrada Nacional, n.º 98-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 385.046\$66**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo caderno de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos Serviços de Construção.

Em 10 de Outubro de 1934, pelas 16 horas.

**Concurso público para a arrematação da empreitada do lanço, na travessia de Espinho (Estrada Nacional, n.º 28-2.<sup>a</sup>).**

**Base de licitação . . . . . 312.578\$30**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo processo de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos Serviços de Construção e em Aveiro na 2.<sup>a</sup> Secção.

Em 10 de Outubro de 1934, pelas 16 1/2 horas.

**Concurso público para a arrematação da empreitada de construção da variante à (Estrada Nacional, n.º 18, 2.<sup>a</sup>), junto à Ponte de Cerva.**

**Base de licitação . . . . . 55.845\$8**

O depósito definitivo será de 5% do preço da adjudicação.

O respectivo processo de concurso acha-se patente, todos os dias úteis, das 11 às 17 horas, na Direcção dos Serviços de Construção e em Vila Real, na 1.<sup>a</sup> Secção.

## RESULTADOS DE CONCURSOS

**E. N. n.º 8-1.<sup>a</sup> — Viseu a S. Pedro do Sul.**

**Base de licitação . . . . . 2.638 246\$65**

### DESERTO

**E. N. n.º 19-2.<sup>a</sup> — Trôço entre Campanhã à Foz do Rio Sousa.**

**Base de licitação . . . . . 2.365.966\$90**

# VIDA DOS FERROVIÁRIOS

## EXCURSÃO

Partiu, no pretérito dia 8, com destino à Exposição Colonial, uma excursão composta de filiados do Instituto Ferroviário de Campolide, a qual regressou a Lisboa no dia 10, em carruagem gentilmente oferecida pela Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro.

## ATENEU FERROVIÁRIO

Presidido pelo Sr. João Russell reuniu, no dia 7 do corrente a assembléa geral d'este Ateneu, prestimosa colectividade, que aprovou os seus estatutos, dos quais devemos realçar o avanço do seu n.º 4.º que define os fins do Ateneu e são os seguintes:

Conferências sobre cultura geral e profissional; aulas de aperfeiçoamento; criação duma biblioteca e gabinete de leitura; excursões de estudo; diversões compatíveis com a índole educativa do Ateneu; criação duma banda, orquestra e orfeão, etc..

Realizou-se, depois, a eleição dos corpos gerentes, cujas funções devem começar em Outubro.

Assembléa geral—Presidente, Jaime Garcia de Lemos; vice-presidente, José dos Santos Pacheco;

secretários, Silvano Augusto Costa e António Alves da Silva; vice-secretários, Armando da Costa Pais e Antonio Matoso.

Direcção—Antonio José Delgado, Delfim de Lemos, Felix Fernandes Perneco, José Frederico dos Santos Aguiar, Laurentino de Serra e Moura, Manuel Joaquim Mota e Raul de Sena Magalhães. Suplentes—Antonio dos Reis, Antonio Rodrigues Malta, Joaquim Marques de Oliveira e José Maria de Figueiredo.

Conselho Fiscal—António de Quintanilha, Joaquim dos Santos Junior e Manuel Fernandes Veloso. Suplentes, Carlos de Mendanha e Joaquim Barreira de Almeida.

Comissão Consultiva e de Recursos—Alfredo Júlio dos Santos, João Vasques Russell, José Inácio da Costa e Sá, José Júlio Moreira e Mário José de Sousa Deniz. Suplentes—Amadeu Cândido Deniz de Barros e João Carlos Moraes Parra.

O presidente da comissão organizadora, sr. Felix Perneco, congratulou-se pelos resultados dos trabalhos, saúdando todos os seus colaboradores e propondo que fôssem enviados telegramas de agradecimento ao sr. director geral e ao presidente do Conselho de Administração, pelas facilidades concedidas para a organização do Ateneu e pela cedência das respectivas instalações.

### Concorrente :

António Alves . . . . .	2.365.000\$00
Joaquim da Fonseca . . . . .	2.259.000\$00
Martins, Ferrão & C.ª . . . . .	2.245.000\$00
Engenheiros Reunidos, L.ª . . . . .	2.081.200\$00
António Martins . . . . .	2.125.000\$00
José Domingos de Almeida . . . . .	2.215.950\$00
Mesquita, L.ª . . . . .	2.242.200\$00
P.nto Lopes & C.ª . . . . .	2.115.000\$00

E. N. n.º 90-2.

### DESERTO

E. N. n.º 64-2.ª (Ramal). Lanço de Santa Catarina às proximidades de Turquel.

281.825\$36

Base de licitação . . . . .

Concorrentes :	
Manuel Mateus e Constantino Câmara . . . . .	280.000\$00
José Coelho da Silva Marques . . . . .	275.000\$00

O Diário do Governo, n.º 219, II série, de 18 de Setembro último publica o seguinte despacho ; pelo Ministério das Obras Públicas e Comunicações :

### Junta Autonoma de Estradas

#### Distrito de Lisboa.

#### Concelho de Torres Vedras.

Construção da estrada entre os lugares de Freiria e Lívramento, na extensão de 4.149, m<sup>37</sup> (terrplanagem e obras de arte), obra orçada, corrigido o orçamento apresentado, em:

Mão de obra . . . . .	45.218\$16
Materiais e seus transportes . . . . .	8.889\$95
	54.108\$11

É responsável pela execução dos trabalhos, que serão feitos por administração directa, a comissão administrativa da referida Junta de Freguesia.

## SOCIEDADE PORTUGUÊSA DA STREETITE, L.<sup>DA</sup>

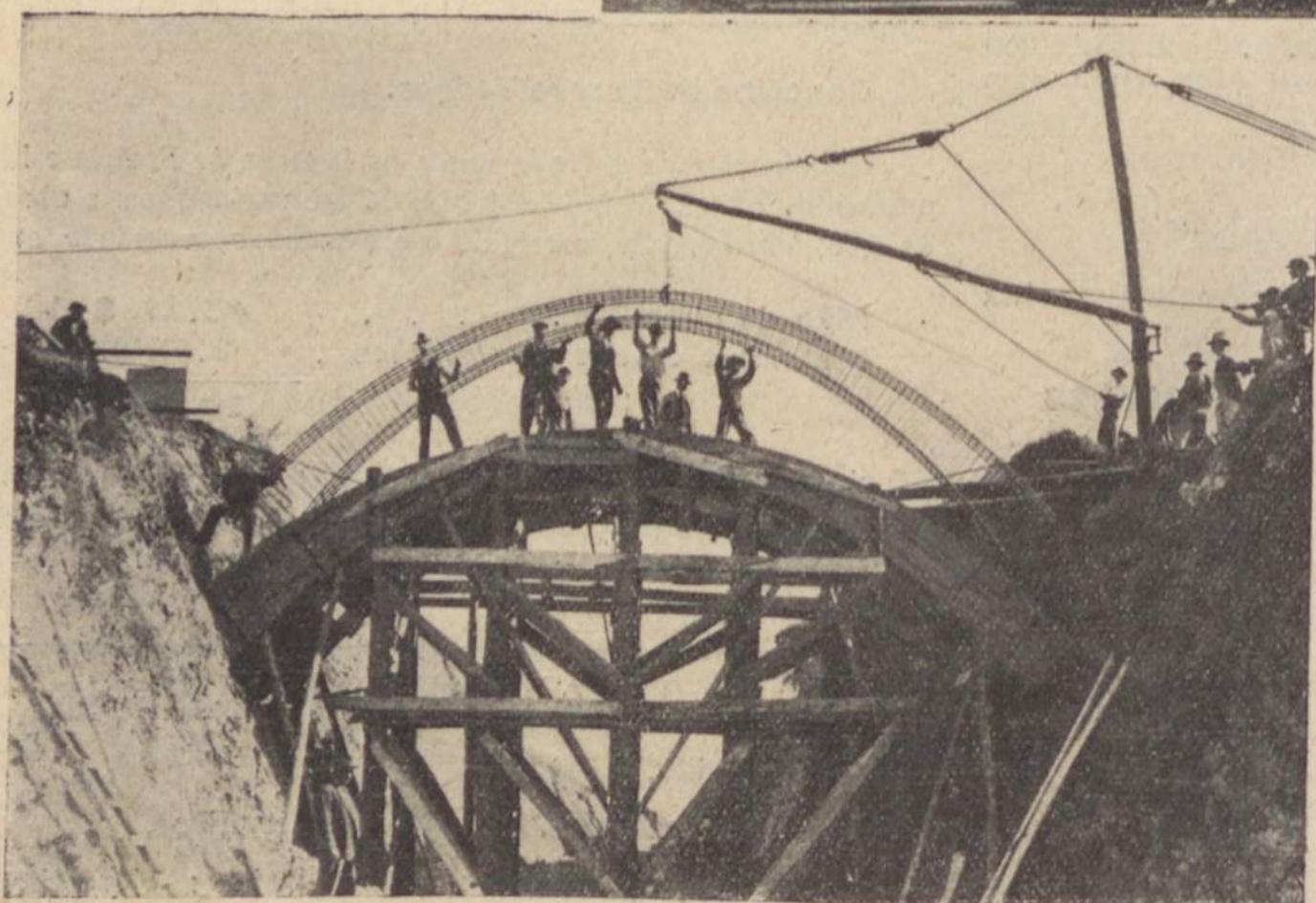
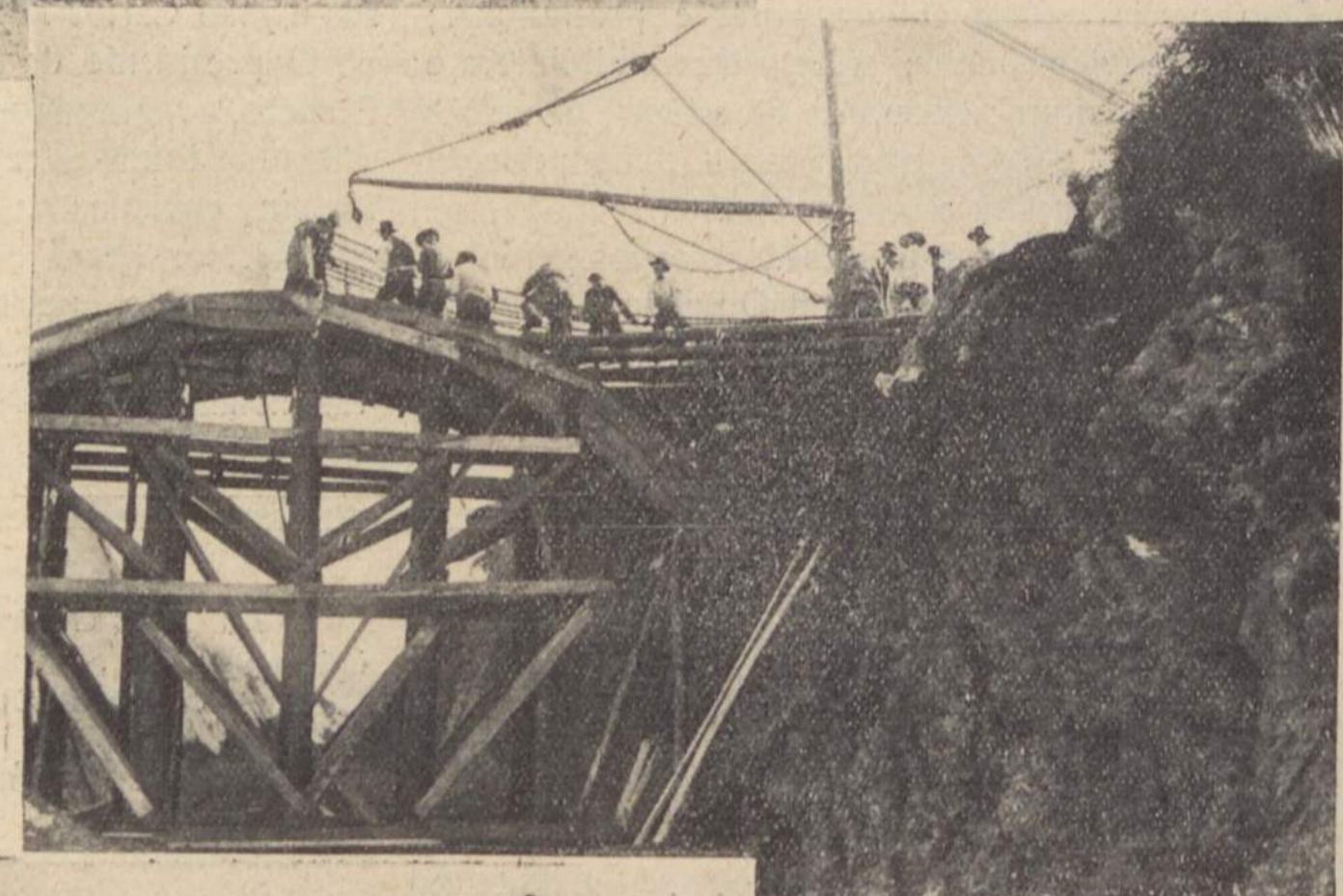
(antiga Sociedade Portuguêsa da Cheddite, L.ª)

Explosivos de Segurança — Rastilhos (os únicos de fabricação nacional), Cápsulas Amores Electricos, Fábricas no Lavradio — Sede Social: Praça do Municipio, 19 — LISBOA — Telefone: 25856. Teleg.: «Streetite»

# DIRECÇÃO GERAL DE



CHEGADA DA ARMADURA  
AO LOCAL DA OBRA



Aspectos da co...  
passagem  
em betão  
**TRANSVERS**

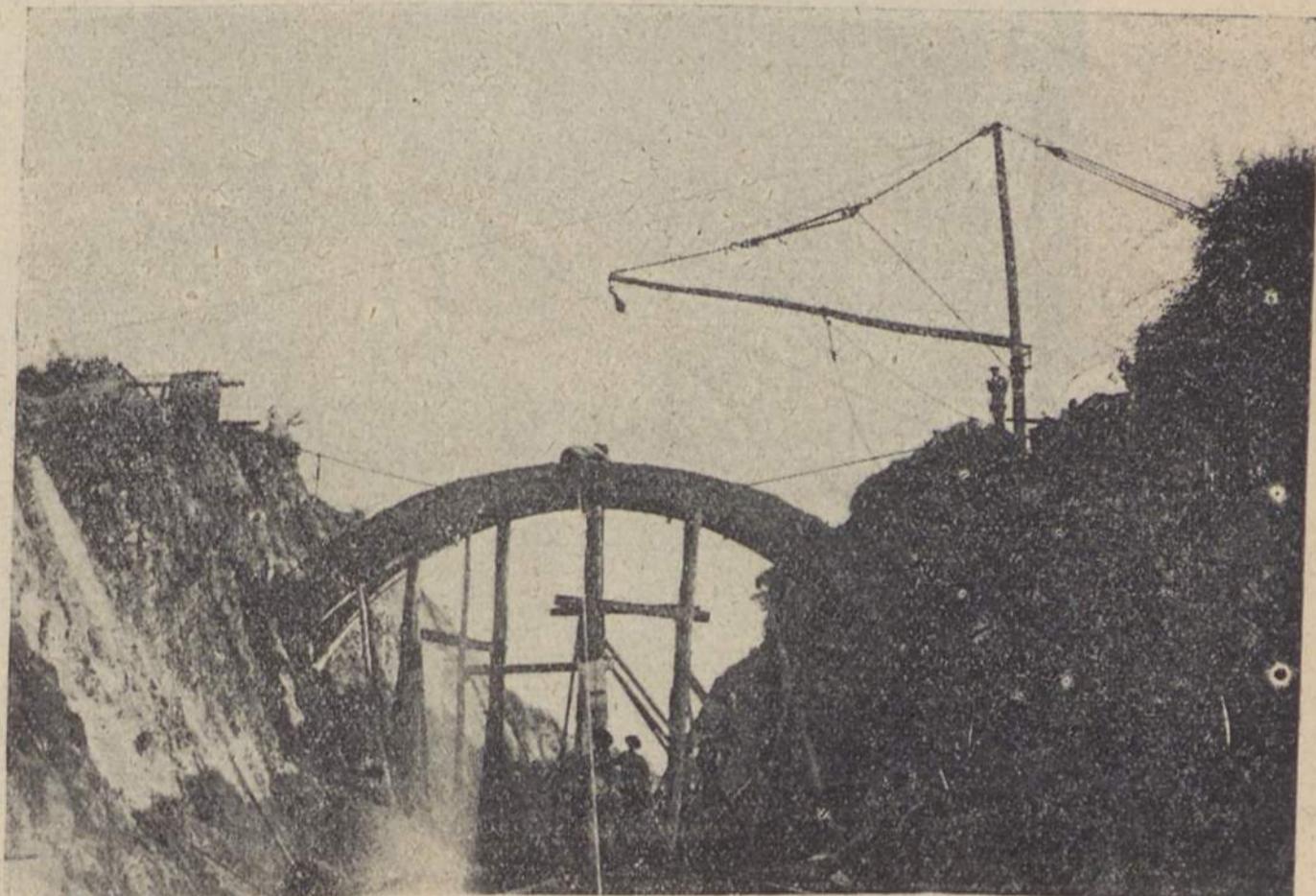
TRANSPORTE  
DA ARMADURA

COLOCAÇÃO  
DA ARMADURA

# CAMINHOS DE FERRO

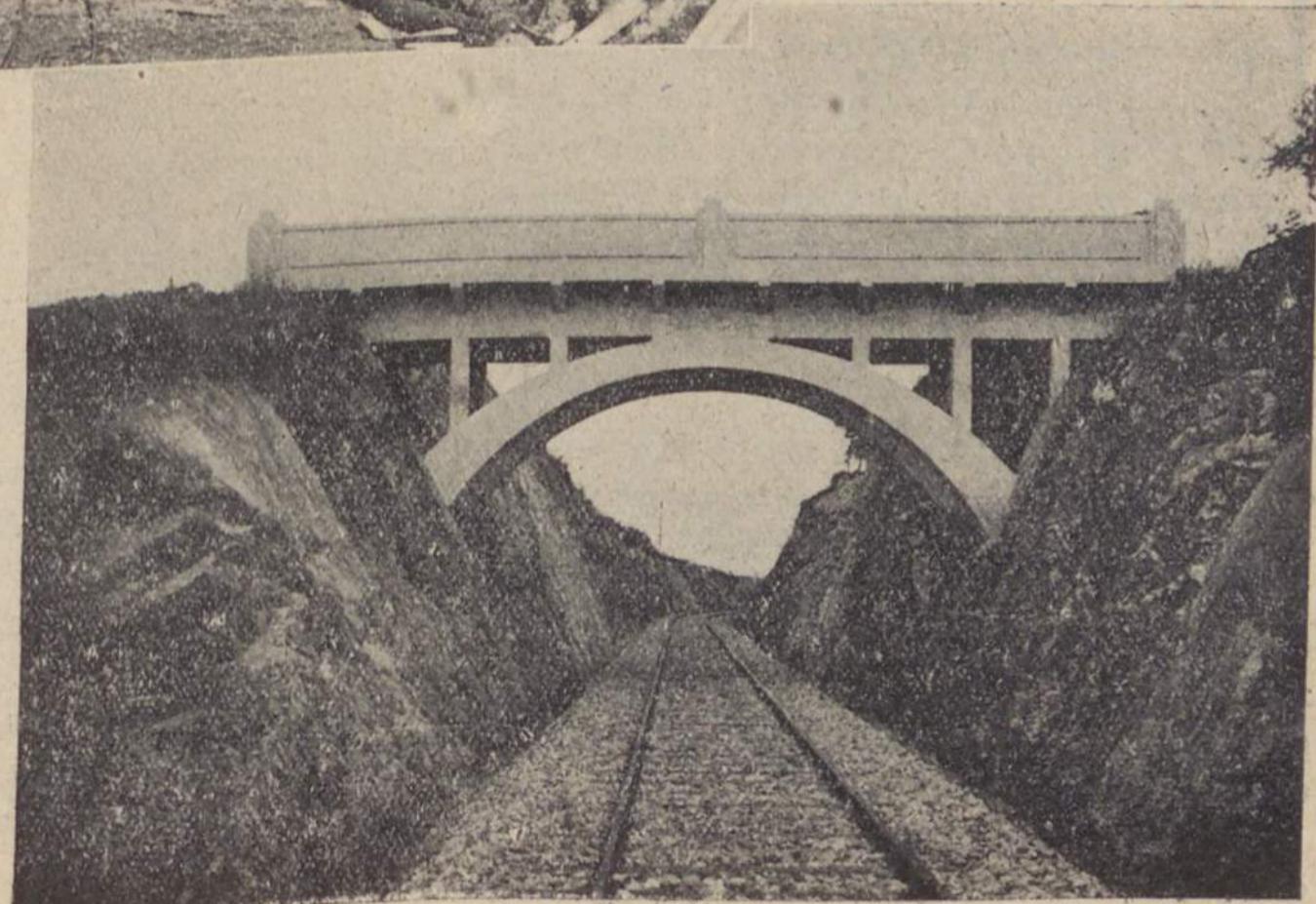
strução de uma  
superior  
armado na  
AL DE SINES

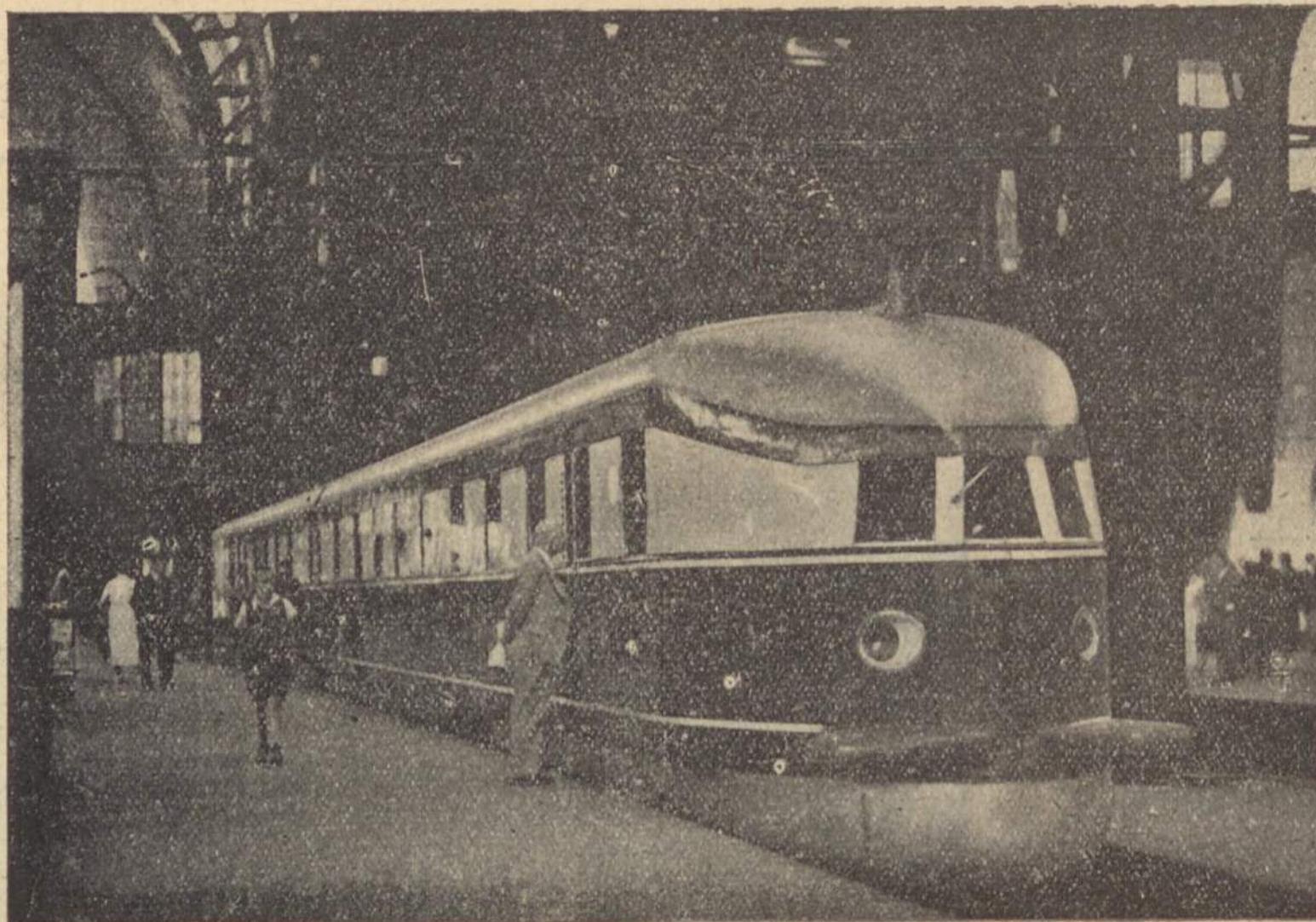
DESCOFRAGEM  
DO ARCO



CONSTRUÇÃO  
DO TABOLEIRO

A PASSAGEM SUPERIOR  
DEPOIS DE CONCLUIDA





*A automotora rápida na estação de Berlim*

CRÓNICA DE UMA VIAGEM PELA EUROPA

## A 160 QUILÓMETROS A HORA

NO

## COMBÓIO MAIS RÁPIDO DO MUNDO

Por JO QUIN IMEDIO, Director da revista «Camiños de Hierro»

**E**STAÇÃO Lehpter de Berlim: numa das vias da gigantesca gare repousa silenciosa, qual monstro aéreo, um bolide fusiforme e com rodas. Mecânica e aerodinâmica, estilismo, estabilidade: cérebro do homem. É a automotora que percorre, sem suspensão de trajecto, a linha que vai de Berlim a Hamburgo, sobre uma via de suave perfil e excelente traçado.

Tomo lugar num dos confortáveis assentos da carruagem. Os restantes passageiros em poucos momentos completam a lotação.

São onze em ponto da manhã; a um sinal convencional percebe-se o brando arranque do motor; o bolide põe-se em marcha e, sem estremecimentos, sem solavancos, em breves segundos adquire rápida velocidade.

Ficam para trás os arrabaldes da capital alemã; chaminés, armaduras metálicas, combóios, muitos

combóios. Chegamos a campo livre e aos nossos olhos a paisagem da campina germânica revela-se, então, eternamente verde, com as suas hortas, os seus bosques e os seus rios navegáveis.

O nosso combóio, o «Fliegender Hamburger» («Voador Hambaguês»), atravessa rapidamente as estações: Nauen, Neustadt, Wittenberge. Como relâmpagos cruzamos com vários combóios que marchavam em direcção contrária à nossa, mas se não os vimos bem, contudo, nos apercebemos pelo ouvido e também pela deslocação do ar contra as janelas.

Olhar a via, infunde vertigem, mas olho para fóra e a cada momento se mudam as paisagens, ainda que tôdas parecidas entre si, por isso monotonas e sem haver, sequer, um simples túnel para comutar a monotonia observada.

Sensação de estabilidade e segurança; Converso em tom corrente com os [demais passageiros



Saída do bolide da estação de Hamburgo.

sem que nos incomodem nem ruídos nem vibrações. A linha germânica é maravilhosa.

A automotora abranda a marcha, não porque esteja fatigada da sua veloz carreira, mas pela circunstância do caminho ainda se encontrar em reparação. Parece, pois, evidente termos de concluir a viagem com atrazo; porém tal não sucede, visto que aquele monstro que traga o caminho com sofrimento, leva nas suas entranhas suficiente energia para cumprir a promessa formal que marcou nas páginas rigorosas do seu itinerário.

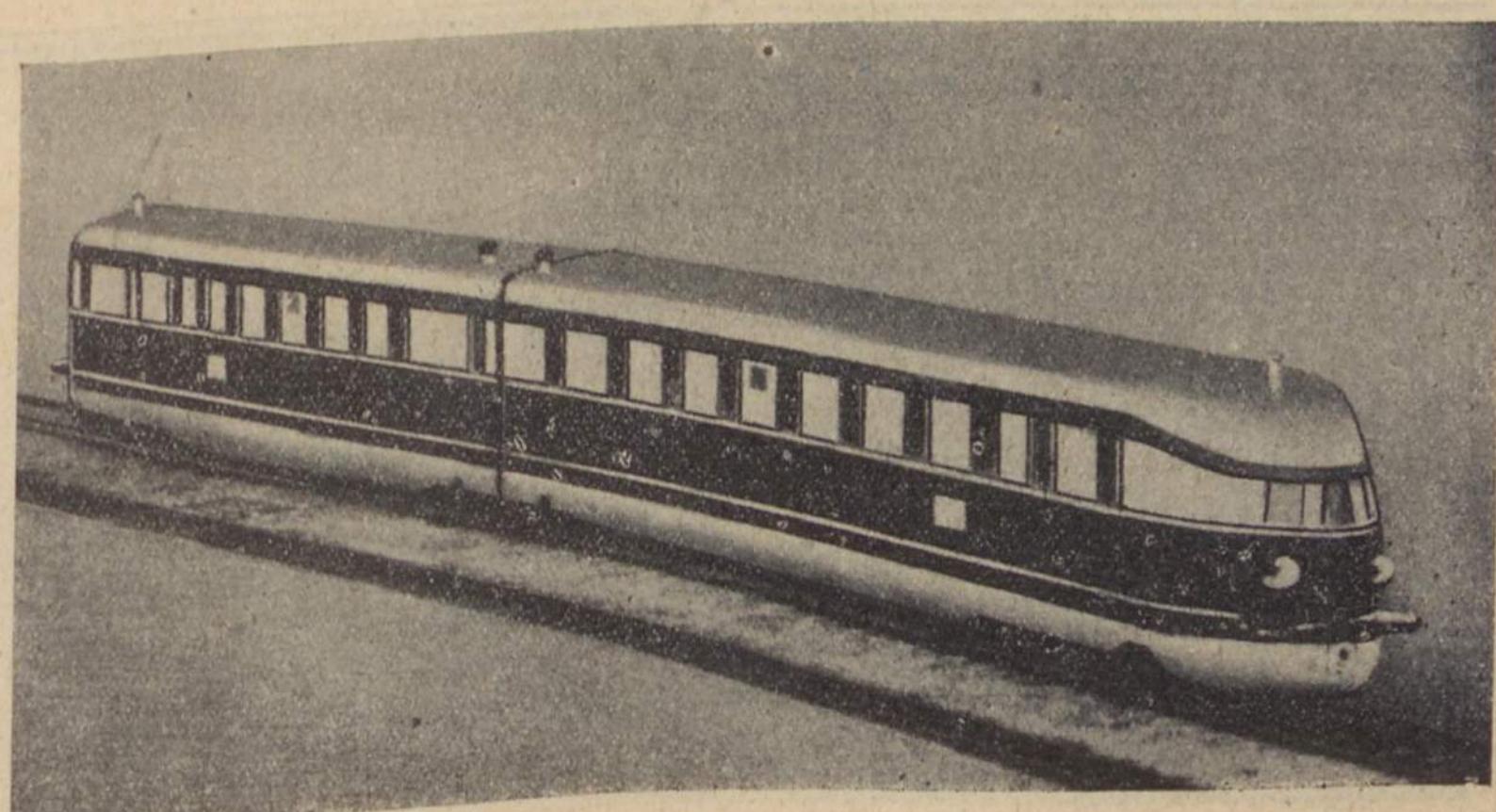
A velocidade aumenta de momento e, a marcha, quase de seguida, é novamente vertiginosa. A chuva de uma tormenta estival açoita os vidros

das janelas; nevoeiro no exterior. Penso instintivamente no construtor desse bolide em que viajo e imagino-o a estudar, absorto sobre a potência e a resistência dos elementos, a sua aceleração e velocidade, as forças centrífugas e do deslocamento, a travagem e a inércia e, sobre a sua mesa de trabalho, adivinhe esboços, desenhos, planos, cálculos, fórmulas, muitas fórmulas, como expressão nítida da mecânica aplicada e das horas furtadas ao sono e ao repouso devidos.

Às vezes, a via duplica-se, triplica-se mesmo, e, ainda mais, a via sextuplica-se! Cruzamos com mais combóios. No claro-escuro da paisagem, continuamos a ver uma infinidade extraordinária de chaminés, o que prova que a Alemanha está juncada de tais demonstrações da sua indústria.

Aproximo-me da cabine do condutor e este, através dos vidros que nos separam, oferece-se à minha vista indiscreta e devassadora com a simplicidade máxima dos maquinismos de bordo. A agulha registadora do velocímetro marca nesse momento 140 quilómetros de velocidade horária. Preparo a minha objectiva de fotógrafo-amador e tomo as indispensáveis notas da viagem: o mecânico olha-me, apercebe-se da minha missão, sorri e pisa o acelerador; a agulha passa, então, a registar 150 quilómetros, mas, pouco depois, aumentando sempre a velocidade, atinge a pasmosa velocidade de 160 quilómetros!

Avança o bolide sempre a devorar distâncias com a mesma facilidade. O condutor desse combóio altamente orgulhoso do seu Pegaso, assinala-me o indicador da velocidade: adivinhe então que no crâneo braquicéfalo do teutão que manobrava a automotora ecoava, em segredo, o patriótico grito de *Deutschland über alles*. (Alemanha acima de todos). As colunas do *block-system*,



Vista lateral do automotora Maybach-Diesel



ALEMANHA — O «Fliegender Hamburger» — «Voador Hamburguês» em plena via, a 160 quilómetros à hora

tem, com as suas luzes em tricolor, ladeiam o nosso caminho. Gozamos a vertigem optimista da velocidade e a canção do vento, ou melhor, do furacão, arrulha aos nossos ouvidos. Os campónios, nas suas terras, contemplam, assombrados, o monstro que turba a placidez da campina e os passaros fogem espavoridos à nossa passagem.

Bergedorf, Moorfleth; passamos já sobre o imenso Elba; trepidação ligeira e paragem, a seguir Hamburgo. O monstro mecânico entra na sua guarida à hora rigorosamente exacta que lhe fôra marcada, depois de haver percorrido, sem parar, o trajecto do itenerário.

Chove: caminho pelas ruas de Hamburgo, húmidas e nevoentas enquanto perpasso na minha

mente aquela maravilhosa viagem; segurança, rapidez, velocidade.

A ciência prática ao serviço das necessidades do homem: êste é tudo.

Hamburgo, Julho de 1934.

#### DADOS COMPLEMENTARES

Dois veículos ligados e articulados sobre uma bogie central e comum. Construção inteiramente metálica.

Capacidade total do comboio, 112 lugares. Café-bar e compartimentos para a tripulação.

Peso: 77 toneladas. Peso morto, por viajante. 755 quilogramas.

Velocidade comercial e média, confundidas por não parar no trajecto, 124 quilómetros por hora. Velocidade máxima 169 quilómetros por hora.

Potência, 820 cavalos Motor Maybach-Diesel.

Distância Berlim-Hamburgo: 290 quilómetros. Diferença de altitude 27 metros. Tempo concedido; 2 horas e 18 minutos.

Via dupla. Travessas de madeira. Balasto abundante.

#### CAMINHO DE FERRO FRANCES



A automotora Bugatti fornecida aos Caminhos de Ferro do Estado Francês

# PELO ESTRANGEIRO

Por ALEXANDRE SETTAS

## A PRIMEIRA LOCOMOTIVA FRANCESA EM MARROCOS

Conforme noticiaram os jornais franceses, Monsieur Séjournée, antigo director da Companhia dos Caminhos de Ferro P.—L.—M. e também membro-livre da Academia das Ciências, comunicou à Companhia a que pertence uma informação de grande interesse económico.

Referiu-se à anunciada conclusão e início dos serviços ao público do caminho de ferro de Oujda a Fez, o qual constitue o último trôço da linha marroquina que fica ligando o Protectorado à colónia francesa de Argélia.

De aqui para o futuro, a África do Norte que está sob o domínio da França deixa de estar sujeita — como até agora — apenas ao tráfego dos barcos de cabotagem para assegurar os transportes aos pontos extremos.

Uma linha férrea de 2.468 quilómetros liga Tunis a Marrakech, passando por Constantina, Argel, Oran, Taza, Fez, Meknès, Rabat e Casablanca.

Esta nova via, de afastamento normal, única durante um certo percurso, emprega como força motriz tanto o vapor como a electricidade. De um artigo de Henri Fontenelle, aparecido numa revista francesa de actualidades, vamos transcrever o que de mais interessante se contém nesse trabalho, deixando de lado a parte argeliana, já em exploração à um certo tempo; e, limitando-nos à referência da parte marroquina, a mais recente e que melhor coroa a consagração definitiva da influência europeia no norte de África.

Antes da guerra, certas potências europeias

preocupavam-se vivamente em conseguir dos sultões especiais vantagens para levantarem novas linhas férreas. Já em 1888, o Governo belga tinha oferecido a Monlay Hassan, uma locomotiva e um pequeno comboio de via estreita. Um pouco mais tarde era por sua vez a Alemanha que esforçadamente promovia o oferecimento de novos e idênticos presentes, que paradoxalmente traduziam a sua excepcional ambição sobre Marrocos, como ainda nos podemos recordar.

Por fim, a França decidiu-se a entrar também na competição. Cérca do ano de 1901, uma locomotiva Decauville saía das oficinas de Cresusot, era desembarcada em Larache e conduzida, com bastantes dificuldades para os domínios de Fez.

Mas, curioso e inédito precalço, faltavam-lhe as rodas que haviam sido perdidas durante a viagem.

No entanto, conseguiram arrastar os vagõesinhos sobre os rails, puxando-os com o auxílio de mulas, o que despertou a atenção de Abd El Aziz, que achou divertido o processo de tracção. Como fim inevitável, pois as rodas nunca chegaram a aparecer, esse comboio em breve ficou posto de lado, definitivamente, e a herva nascendo entre os rails, acabou por lhe tapar as calhas. O acto de Algéciras, concluído em 1905, proibia a todas as nações, mesmo à França, a construção de caminhos de ferro de via normal, mas o acordo franco-alemão de 1911 reconhecia a esta potência tal direito, embora só depois da abertura da linha Tanger-Fez que deveria ser a primeira linha marroquina, criada pela mútua colaboração entre a França e a Espanha e que só em Julho de 1927 veio a ser entregue à exploração pública.

Porém, a França não



O comboio oficial na Estação de Taza



A chegada do comboio à Estação de Taouirt

havia esperado por esta data para prosseguir no seu programa ferroviário.

Assim, já em 1920 sob a égide da Companhia dos Caminhos de Ferro P. L. M. criara a Companhia dos Caminhos de Ferro Marroquinos.

O sultão marroquino de então, concedeu a essa Companhia uma parcela de 1.000 quilómetros de terreno, para a construção de 6 vias férreas, ligando os portos da costa às capitais e fronteiras argelianas. Estas vias eram: Petit-Jean a Port-Lyautey; Port-Lyautey a Souk-el-Arba do Pharb, Casablanca a Marrakech, Sidi-Aidi a Oued-Zem e Fez a Oudjda. De há cinco anos a esta parte duas novas linhas foram concedidas: as de Ben-Guerir a Safi e Oudjda a Nemours.

A 25 de Junho de 1925 o marechal Lyautey inaugurou a importante linha de Rabat a Casablanca. Nove anos mais tarde, era inaugurada pelo sultão e o Residente Geral da França, a linha Fez-Oudjda. Entretanto, outras linhas eram abertas ao tráfego de passageiros e mercadorias.

Comportavam elas, na sua maior parte, comboios expressos, com carruagens camas e carruagens restaurantes e a velocidade comercial era de 50 a 60 quilómetros à hora. Além destas, outras carruagens confortáveis foram construídas para a 3.<sup>a</sup> classe e todas elas com revestimentos especiais contra o calor.

Uma 4.<sup>a</sup> classe foi mesmo acrescentada para facilitar aos indígenas o seu deslocamento que era feito a preços muito limitados.

#### O trôço Oudjda-Fez

Esta grande linha cujo comprimento total é de 355 quilómetros e da qual nós vamos tratar mais particularmente, foi autorizada em 1920.

Poderá causar estranheza que, sendo falado o seu interesse estratégico e comercial, viesse a ser construída tão tarde, mas a razão foi a seguinte:

Marrocos temia um pouco esta linha, por calcular que lhe prejudicaria os seus tráficos pelos portos argelianos, ficando assim desta maneira em perigosa concorrência, tanto Port-Lyautey como Casablanca.

Além disso, a linha atravessava uma região ainda mal segura contra as investidas do curso do rio Innauen, nos arredores de Taza. As tribus dessidentes impediam também o acesso a esta região onde, aliás, nem de avião se conseguia penetrar.

Independente de tudo isto havia ainda a questão financeira e a sobrecarga do orçamento a ponderar.

Por estas razões, de bem forte peso, 8 anos decorreram entre a concessão e o momento julgado propício para se declarar de utilidade pública tal obra, como passo indispensável para o início dos trabalhos preliminares.

Felizmente, todos os indispensáveis estudos ficaram depressa concluídos e no ano de 1928, as primeiras picaretas entraram em função.

O prazo previsto para a execução da obra foi fi-

xado em 7 anos. Mas, a pedido da administração, ainda se conseguiu reduzir o espaço de tempo previsto.

Partindo de Oudjda, em 1932 chegava a Gueref, em 1933 a Taza e em 1934 a Fez.

Este esplêndido esforço, além da sua utilidade económica merece ser glorificado quanto ao ponto de vista técnico.

Compreender-se-á isto se notarmos que se exigiu perto de seis milhões de metros cúbicos de atérros.

As obras de arte, viaductos, pontes, aquedutos, atingiram a espantosa cifra de mais de um milhão de francos.

Tem 11 túneis, que se estendem num comprimento de 11 quilómetros. Para todas estas obras, empregaram-se 600.000 metros de cantaria. A via necessitou de um milhão de metros cúbicos de balastro. Enfim, construiram-se seis importantes estações, catorze apeadeiros e os respectivos alojamentos do pessoal.

O preço da linha, compreendendo as despesas gerais de material e salários ao pessoal, excluindo o material rolante, está avaliado em 597 milhões de francos o que representa, em média 1.600.000 francos por quilómetro.

#### UM COMBÓIO CONVERTIDO EM GABINETE MÉDICO

Os comboios do Estado francês puseram ao serviço um "vagão radiológico" o qual tem por fim o poder levar a todos os pontos da rede ferroviária um serviço completo de inspecção e socorro, evitando com ele, aos empregados e a suas famílias, os prejuízos inerentes.

O vagão, separado em qualquer via morta, fica em cada estação o tempo necessário aos seus serviços, passando depois à via de transito, quando deva seguir para outro ponto.

Nos grandes centros ferroviários serve, além disso para o reconhecimento médico, o mais completo possível, dos aspirantes ao ingresso na Companhia.

O vagão, que exteriormente tem o aspecto de uma carruagem das vulgares, consta dum sala de espera com os seus competentes bancos que, segundo as necessidades se pode ampliar aumentando-lhe outra carruagem suplementar, utilizada para o mesmo fim.

Junto a esta sala de espera há um pequeno escritório para a inscrição dos doentes e as cabines destinadas aos enfermos para se despirem, a fim de serem observados pelo médico, o qual se efectua no gabinete contíguo, onde existe uma mesa e uma cama-davam para tratamentos.

Completa-se ainda esta ambulância sanitária com o exame radiocópico ou radiográfico do enfermo numa outra ampla sala, de cinco metros e meio de comprida, onde está instalado o aparelho de roentgen-diagnóstico, o qual funciona pondo-o em ligação, por meios apropriados, com o sector urbano local, por tomada de corrente na mesma estação: um comuta-

dor colocado na parte inferior do vagão pode converter a corrente alterna em corrente contínua industrial, nos locais onde esta exista.

Finalmente as dependências de que dispõe: um laboratório de análises, de escarros, sangue, urina, etc., outro de câmara escura, para revelagem de negativos, completam o vagão que, com grande exito (até 70 inspecções por dia já fez) e está funcionando regularmente.

Esta carruagem, deveras útil em tempo de paz poderá também utilizar-se com garantido exito nos tempos calamitosos da guerra.

### UMA PONTE DE 1.280 METROS DE EXTENSÃO

Em S. Francisco da Califórnia trabalha-se activamente no prosseguimento dos trabalhos para a construção da formidável ponte, com a extensão de 1.280 metros, que há de atravessar o Golden Gate, de S. Francisco à margem de Porte d'Or.

Como se sabe esta cidade americana está situada à beira dum admirável golfo, no qual penetra frangeando uma estreita garganta de 1.500 metros de largura.

Dada a circunstância da enorme profundidade das águas, em tal ponto, nunca se admitira a hipótese de vir a estabelecer pilares intermediários para suporte de qualquer passagem que se projectasse lançar.

Encarou-se por isso a obra a adoptar tomando como exemplo a grande ponte suspensa de Nova Yorka, sobre o rio Hudson, que atravessa a baía desse mesmo nome, num só arco que tem de comprimento o bonito total de 3.500 pés, ou, seja, 1.069 metros.

Os engenheiros, apreciadas as únicas possibilidades de realização lançaram-se, depois, a esse ousado trabalho, estabelecendo o projecto de uma ponte de 1.280 metros de alcance.

Trata-se nesta colossal obra de lançar a ponte suspensa suportada por dois grossos cabos metálicos de 0,92 de diâmetro, partindo de pilares de 230 metros de altura.

Os cabos que pesarão quatro ou cinco toneladas por metro, evidentemente que não são manejáveis, razão porque devem ser fabricados no próprio local da sua utilização, por meio de barras de aço, coligadas entre si por uma máquina especial que as virá justa por, lado a lado.

O taboleiro terá de largura 27<sup>m</sup>,50 e será estabelecido a 50 metros de altura sobre o nível do mar.

Suportará, além do pavimento para peões, veículos de cidade e estrada, linhas para caminho de ferro e também para carros eléctricos.

O pilar do lado sul, o que fica em S. Francisco está afastado da margem 380 metros, num local onde a profundidade média é de 20 metros.

As fundações fôram descidas por meio de caixas pneumáticas, até 30 metros abaixo do nível das águas.

Quanto ao pilar do lado Norte está implantado na própria margem, a pouca distância dum planalto de 75 metros de altura, onde virá, feita a inclinação precisa, terminar o pavimento da ponte.

A gravura que junto publicamos mostra o estado de adiantamento dos trabalhos: os dois pilares, depois das difíceis obras de construção das bases, elevam-se agora rapidamente e em breve começar-se-á o fabri-  
co e a colocação dos cabos.

Esta ponte deve custar a bagatela de 35 milhões de dolares o que, se é uma soma elevadissima, tem porém, a contrabalançar tão avultada despesa as possibilidades de facilmente vir a traduzir-se em forte rendimento todo o dispendio havido.

É que, pela contribuição do serviço de portagem feito pelas regiões limitrofes que muito hão de beneficiar com essa ligação dentro em pouco tempo, relativamente, ficará tão importantissima obra transformada em objecto de manifesta utilidade e rendimento.

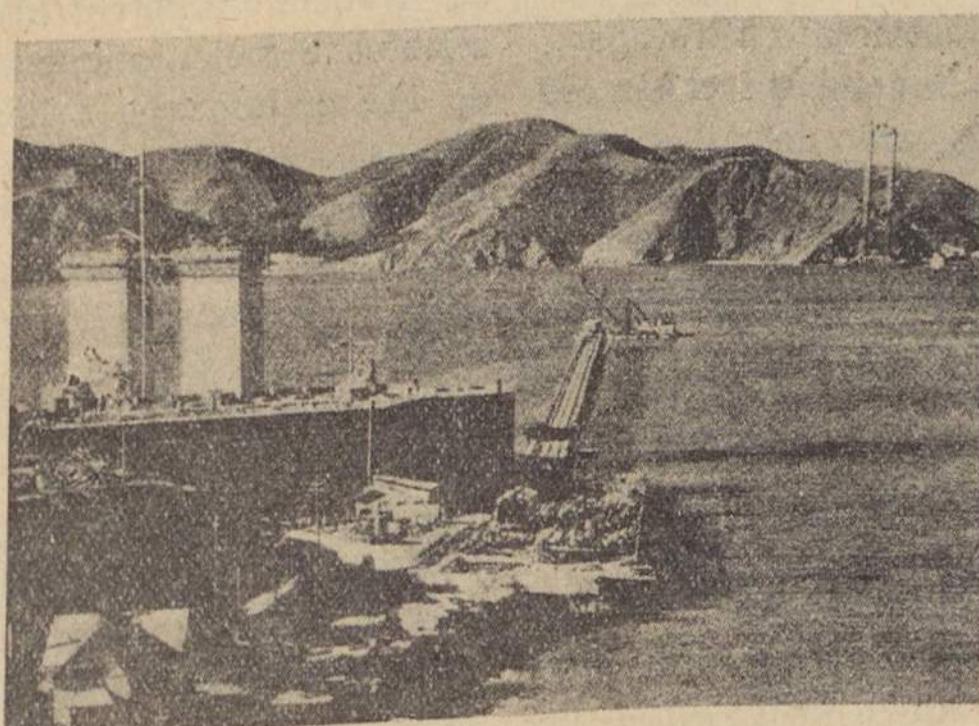
Esta ponte é uma das mais bem construídas, nos últimos tempos, oferecendo uma garantia de segurança e construção seguradoura, digna de registo.

### UMA NOVA AUTOMOTORA FRAGMENTADA EM DUAS

Acaba de ser experimentado o mais recente modelo de automotora, na rede do Estado francês.

Trata-se dum modelo Renault, cuja caixa articulada é constituída por duas partes distintas, reunidas por uma *bogie* central. A cada extremo, outras duas *bogies* motoras completam o combóio e a automotora propriamente dita, goza da excepcional propriedade de poder reflectir-se transversalmente e assim poder inscrever curvas de pequeno raio.

Este sistema de articulação — que nós vimos descrito na revista «Science et Monde» — acaba de se ajustar às soluções hoje consideradas clássicas, já



Vista da ponte, com os dois pilares distanciados entre si 1.300 metros. No primeiro plano, o Forte antigo que, nouros tempos defendia o Golfo, em Porte d'Or

adoptadas para permitir aos veículos demasiado compridos, a sua adaptação às sinuosidades da via.

Até agora era muito raro encontrar-se uma carroagem montada sobre *bogies* centrais, chamadas de carretos orientáveis, de quatro ou de seis rodas, quase sempre lançadas aos extremos da carroagem, onde desempenham um papel importante de direcção, como nas locomotivas.

Tal é o caso, notadamente, das motoras do Metropolitano de Paris, que circulam na estação da Bastilha, em vias de, apenas, 30 metros de raio.

A nova "motora fragmentada" poderá, pela sua construção, empregar-se em curvas extremamente apertadas, como se se tratasse de curvas amplas, como as habituais das linhas férreas.

A propulsão neste novo tipo está assegurada por dois motores a óleos pesados, de 250 H. P. cada um, atacando por uma transmissão especialmente estudada, os dois eixos correspondentes a cada *bogie* extrema.

Os 220 quilómetros do percurso Paris-Decauville foram já cobertos, exactamente, em duas horas certas, ou seja à velocidade comercial de 110 quilómetros à hora, a despeito de ter consagrado três paragens à regularização de ensaios sobre aceleração e travagem.

O consumo foi de 80 litros de combustível aos 100 quilómetros o que não é tido como demasiado despendio de óleo.

A lotação da nova automotora comporta 100 lugares para viajantes devidamente instalados nos seus assentos e mais 20 lugares em pé, além de dois compartimentos para 2.000 quilos de bagagens.

Esta ideia, curiosa e inexplicável, de reservar lugares de pé num veículo cujo trajecto é de duas horas, não é, talvez, psicologicamente muito feliz e nada tem a recomendá-la, pois é mesmo lastimável que o público tenha a impressão confirmada de que, num meio de transporte mesmo rápido, como êste é, lhe tivessem sacrificado o imprescindível conforto da viagem.

#### NOVAS AUTOMOTORAS, NA HOLANDA

Segundo informa a nossa congénere "Ferrocarriles y Tranvias", com a entrada em vigor do horário de verão, a Companhia dos Caminhos de Ferro Holandeses inaugurou um serviço de comboios eléctricos que, partindo de Utrecht, seguem para Amsterdão, Haia, Roterdão, Eindhoven e Arnhem, isto é para pontos diametralmente opostos do seu centro de irradiação. (\*)

Para êste serviço a Companhia dos Caminhos de Ferro Holandeses mando construir 40 comboios, cada um formado por três veículos, entre os quais se acha colocada a automotora, do sistema Diesel-Elétrico.

As dimensões totais destas três unidades reunidas atingem o comprimento de 51 metros.

Das 40 unidades de comboio, 35 estão montadas com Diesel-Mayback de 410 H. P. cada uma e os res-

tantes com motores do mesmo sistema Ganz-Jendrassik, construídas na Fábrica Stork, em Engelo. Das partes mecânicas, 25 foram construídas pela Sociedade Werspoor, de Amsterdão; 10 na Fábrica de Carruagens J. J. Beynes, de Haarlen e 5 na Fábrica de carroagens Allan, de Roterdão.

Dos equipamentos eléctricos, 35 são da afamada marca "Brown Boveri", dos quais 12 foram construídos nas Oficinas de Baden e Munchenstein (Suíça) e os restantes 23 na Sociedade Heemag, em Engelo, mas segundo os planos da casa "Brown Boveri". Cinco unidades de comboio levam equipamentos eléctricos da Casa Smit Slikerveer.

O peso, sem carga, de cada uma das carroagens é de 98 toneladas, que, em ordem de marcha atingem 115 toneladas.

A velocidade máxima prescrita é de 140 quilómetros à hora, porém, sem dificuldade, nas viagens de experiências, realizadas em Março do corrente ano, estes comboios alcançaram a velocidade de 156 quilómetros à hora.

A distância de 57 quilómetros que separa Utrecht de Arnhem foi percorrida no espaço de vinte e nove minutos e meio, o que representa a boa velocidade de 115 quilómetros à hora. Se tomar-mos em conta que os mais rápidos comboios a vapor gastavam quarenta e seis minutos a percorrer o mesmo trajecto, compreender-se-á qual a grande vantagem que representa esta evolução do progresso, na adopção, nestas linhas, da tracção Diesel-Eléctrica.

O emprêgo, em grande escala, desta locomoção, feita pelos Caminhos de Ferro Holandeses, com serviço regular, rápido, presentemente de hora a hora, mas depois ainda com menores intervalos de tempo, contribuirá, sem dúvida, para o reconhecimento da garantida eficiência que o emprêgo de tal sistema apresenta, impondo-se aos meios clássicos a vapor e mesmo ainda aos de sistema eléctrico.

#### (\*) Distâncias quilométricas

De Utrecht a Amsterdão . . . . .	41	quilómetros
" " " Haia . . . . .	61	"
" " " Roterdão . . . . .	40	"
" " " Eindhoven . . . . .	60	"
" " " Arnhem . . . . .	57	"
Total . . . . .	259	quilómetros

**Visado pela  
Comissão de Censura**

A TABELA

# V I D A

# M O R T E

Pelo Eng.<sup>o</sup> ARMANDO FERREIRA

Nesta quinzena dois factos merecem lugar destacado na *Gazeta dos Caminhos de Ferro*.

VIDA

Os ferroviários da C. P. em serviço no Sul e Sueste, em comissão procuraram a direcção da Companhia e disseram-lhe:

— Desejamos aglutinar-nos no Estado Corporativo, com esperança em melhores dias, e solicitamos o apoio da C. P.

A direcção pela boca do engenheiro Lima Henriques respondeu:

— Conheço a vida dos ferroviários de vários paizes e estou esclarecido das regalias que os obreiros gozam por lá; acho pois justo e aceitável o passo que vão dar no campo sindical. É tempo de entrar em vida nova e útil. É preciso aperfeiçoar a cultura geral do ferroviário e prometo cuidar com acerto da situação dos reformados.

Depois a comissão foi ao Instituto Nacional de Trabalho onde entregou longa exposição a dizer:

— Vimos oferecer ao Estado Novo os nossos limitados préstimos. E para a direcção do sindicato só irá gente que dê provas de acatar as doutrinas do E. N.

E o engenheiro Queiroz agradeceu e declarou:

— Vai — como sabeis — ser publicado um decreto que permitirá a organização ferroviária. E isto para muito breve.

No sub-secretariado das Finanças a comissão de ferroviários disse:

— Saudamos e enviamos cumprimentos ao Dr. Oliveira Salazar afirmando-lhe o nosso desejo de colaborar lealmente com o Governo e a Companhia.

O sub-secretário rematou:

— Transmitirei ao Dr. Salazar o que acabo de ouvir e constitue um facto de extraordinário relêvo por partir duma classe de irrequietas tradições...

Estas sínteses demonstram um espírito de rejuvenescimento na família ferroviária que se pôde traduzir numa frase: Vida nova. Vida!

MORTE

O Vale do Vouga, o lindo circuíto de panoramas formosos, foi local dum acidente donde resultou a morte dum maquinista. Uma morte e alguns feridos.

Descarilamento. Na primeira ocasião disse-se que o caso fôra devido à via estar em mau estado! Imprudência de jornalistas apanhando no ar palavras de ignorantes? Mal-dade inconsciente contra a simpática Companhia para desviar as verdadeiras causas?

O director logo explicou, com verdade e segurança:

“A linha não está ali nem noutro qualquer sítio em condições de lhe ser atribuído desastres dêstes. A causa do descarrilamento foi o maquinista não cumprir os regulamentos e ordens expressas de serviço quanto a velocidades dos comboios”.

E perante a morte do funcionário descobre-se e diz na plena consciência dos factos: “e, lamentamos ainda não haver possibilidade de evitar tais momentos de imprudência, infelizmente repetidos desde sempre e enquanto os homens forem como são, apesar de todas as correcções que sempre se aplicam, tudo se tendo prevenido até onde é humano e regulamentarmente possível”.

## LINHAS ESTRANGEIRAS

**ALEMANHA** É de todos conhecida a especial inspecção que exigem as pontes e demais obras consideradas de arte, levadas a efecto, com efectivos rigores e cujo fim é o de evitarem possíveis acidentes.

Sobretudo as pontes metálicas são motivo de aturadas e minuciosas observações.

Como os defeitos de construção e, principalmente, a acção devastadora dos agentes atmosféricos, não se manifesta no exterior das construções, tem de ser rigorosamente feita essa inspecção, pois muitas vezes se oculta interiormente na massa férrea o que poderá vir a constituir um perigo latente, provocador de qualquer catástrofe.

Por esse facto e, com o fim de descobrir tais estados de reparação, os caminhos de ferro alemães empregam já um aparelho de raios de Roentgen (Raios X) que, montado num veículo especial percorre os pontos a prescrutar.

Mas como o processo exige uma delicada especialização e aliás nem sempre é de resultados positivos, parece que tal sistema de verificação está embargado não só pelo elevado custo do material, como ainda pelas dificuldades de adopção ou, melhor, da sua generalização.

**BÉLGICA** A rede nacional belga está arrendada a uma empresa particular que promove a sua exploração.

No ano de 1933, apuradas as contas do seu exercício acusou um déficit de mais de 13 milhões de francos.

Esta importância, elevadíssima sem dúvida, para determinar sérias apreensões aos seus dirigentes é, contudo, muitíssimo preferível às do ano anterior, cujo saldo negativo foi de 168 milhões de francos.

Vê-se assim que, embora ainda não seja desafogada a situação dessa empresa ferroviária, o seu coeficiente de exploração já melhorou de 106,67 para 100,57%.

O tráfico de viajantes, na generalidade, deu prejuízos mas em compensação o transporte de mercadorias produziu razoáveis benefícios.

Os efectivos do pessoal, em 1932 acusavam um total de 82.403, mas por curioso critério administrativo diminuiu-se o número de operários para se aumentar em funcionários burocráticos.

**DINAMARCA** Desde o princípio do último verão que os comboios do Estado Dinamarquês reduziram a duas o número de classes dos comboios de passageiros.

Denomina-se a última classe "a comum" e entra na composição de todos os comboios, figurando neles, como primeira classe, as que já existiam com a denominação de classe imediata — a segunda —.

Unicamente para os comboios internacionais se atrelam carruagens com as três clássicas classes.

Com a supressão da classe intermédia, espera-se obter importantes economias na exploração destes comboios, circunstâncias que, não afectando grandemente alguns passageiros, garante reconhecidas vantagens aos Caminhos de Ferro do Estado da Dinamarca.

**ITÁLIA** A-pedrada severa política de economias e da redução de soldos ao pessoal, os caminhos de ferro italianos fecharam o último exercício com o formidável déficit de 603 milhões de liras.

A tonelagens das mercadorias transportadas desceu, num ano, 12,45% e o número de viágens diminuiu também 3,68% não obstante haverem aumentado, para a primeia das percentagens, as expedições em grande velocidade.

Esta nação tem electrificadas 12,35% das suas linhas ferroviárias, e só, nesta parte se verifica a quarta parte do seu tráfico total.

Os viajantes de 3.<sup>a</sup> classe deram a média de 88,34% das passagens totais.

**RÚSSIA** A rede ferroviária russa apresenta a particularidade de que deve servir grandes extensões de terreno com escassa população o que quer dizer que atravessa grandes estepes com ausência absoluta de cidades.

Por esta razão nas grande fábricas de material ferroviário de Kolomna, acabou-se há pouco tempo de construir um tipo de locomotora, movida por dois motores Diesel, que somam uma potência de 2:400 cavalos-vapor.

Esta máquina rebocará grandes comboios à velocidade de 75 quilómetros à hora, em percurso de 1:200 quilómetros, sem necessidade de abastecimento de combustível ou de água para a refrigeração.

Além destas novas máquinas estão construindo outras dum tipo de 2:700 H. P., também com motores de combustão interna que se calcula poderem caminhar com a velocidade de 130 quilómetros, em média horária.

Quereis dinheiro?  
JOGAI NO

Gama

Rua do Amparo, 51  
LISBOA  
Sempre Sortes Grandes!

# A propósito da catástrofe da mina de Gresford

## Quais as medidas adoptadas na América

Por ALPHASIGMA

**A**INDA há bem poucos dias na mina de Gresford, cerca de Wrexham, no país de Gales, uma terrível série de explosões de "grisu", provocando a morte desastrosa a 260 mineiros, enlutou as respectivas famílias pela fatalidade que as atingiu.

A comissão técnica, encarregada do inquérito ao desastre havido, ponderando que a responsabilidade da triste ocorrência se poderia ter evitado, se pela Companhia proprietária da mina fossem observadas as indispensáveis medidas atinentes a garantir a vida desses obreiros, está tratando de apurar a quem cabem as responsabilidades no formidável acidente.

E, porque a propósito se podem pôr em realce os bons serviços dum simples recurso de salvamento nas minas, agora oficialmente posto em prática nos Estados Unidos, achamos oportuno fazer uma referência, a esse processo, aliás simples, aos nossos leitores.

Dois engenheiros americanos, H. Fellews e F. Schneider propuseram-se utilizar os sociáveis ratinhos brancos como detectores, muito sensíveis, das emanacões do "grisu" que se produzem nas minas.

Segundo as suas experiências, estes graciosos animaizinhos acusam muito particularmente a presença do óxido de carbono e registam, mesmo em pequena percentagem, qualquer ínfima quantidade desse gás, levemente impregnado no ambiente das galerias, ainda antes de que a sua acumulação venha a provocar desastrosas explosões.

Já há alguns anos outros dois engenheiros canadenses tinham observado que os canários podiam desempenhar o mesmo simpático papel de salvadores. Uma dessas melodiosas avezinhas colocada num recinto encerrando 0,15 % de óxido de carbono, começou a sentir-se incomodada logo ao fim de alguns breves minutos.

Firmados na sua autorizada constatação, os engenheiros do Serviço de Minas dos Estados Unidos da América colocaram vários canários em diferentes gaiolas e desceram-nos a galerias suspeitas.

Constatou-se, então, que estas avezinhas se asfixiavam quando o ambiente impregnado de "grisu" se igualava a 0,20 mm. %, quantidade aliás diminuta para os mineiros aperceberem a mínima perturbação pelos efeitos perniciosos desse veneno gazoso.

Em certas hulheiras americanas, antes da descida dos mineiros para o seu esgotante trabalho, dois homens munidos de aparelhos respiratórios Draeger ou de outro sistema antecedem-nos na exploração das galerias, levando consigo canários encerrados em

gaiolas. Assim que estes passarinhos atacados por qualquer perturbação, indicando os prenúncios da asfixia que os iria atingir funestamente, mudavam as avezinhas para outras gaiolas especiais onde lhes ministravam a precisa corrente de oxigénio, destinada a reanimar essas gentis vítimas, por sér desnecessário subsistir na experiência até provocar a asfixia completa.

Presentemente os técnicos da Repartição de Minas de Washington preferem utilizar os ratos brancos. Quando qualquer destes ratinhos é mergulhado numa atmosfera contendo óxido de carbono em suspensão, perdem imediatamente as atitudes coreográficas que os distinguem como animais saltadores. Em lugar de



Mineiros aprestando-se para uma ronda de observação numa mina hulheira

se moverem em saltos constantes e rápidos, trocam êsses movimentos ágeis e saltitantes por uma imobilidade espectral, assinalando assim o perigo iminente.

Se bem que para estas provas os melhores avisadôres sejam os autênticos ratos japoneses, não têem desdenhado de aproveitar, talvez por observação empírica, os do mais próximo género, êsses vulgaríssimos ratos brancos, sociáveis e interessantes visto ultrapassarem muito além o período de duas ou três semanas de vida que os de raça japonesa atingem, quando muito, em cativeiro.

Se admitimos pela História que os patos do Capitólio já salvaram os romanos, porque não se conceberá a idéa de que os melhores salvadores dos mineiros sejam os canários ou mesmo os irrequietos ratinhos brancos?

Assim, ficar-lhe à humanidade devedoura dum apreciável benefício.

# HA QUARENTA ANOS

Da Gazeta dos Caminhos de Ferro de 1.º de Outubro de 1894

## A primeira locomotiva feita em Portugal

Acabamos de assistir á experiença da primeira machina locomotiva, inteiramente feita n'uma officina nacional.

É uma pequena locomotiva de via de 0,™60, encomendada nas officinas da Empresa Industrial Portugueza para as importantes propriedades agricolas dos srs. Oliveiras no Novo Redondo, Angola.

A locomotiva com o seu pequeno tender pesa apenas 3 toneladas em vazio, ou 5 toneladas carregada.

Pode trabalhar com carvão ou madeira á pressão de 9 e meia atmospheres.

É de quatro rodas conjugadas e mais duas em pivot para as pequenas curvas, podendo inscrever-se mesmo nas de 10 metros de raio e subir fortes rampas com 20 toneladas de carga.

A experiença, a que a nossa *Gazeta* foi convidada, fez-se n'uma linha provisoria dentro do pateo d'aquellas vastas officinas, funcionando a pequena machina com a maior perfeição.

D'ella daremos mais minuciosa descripção em um dos proximos números, limitando-nos por hoje a felicitar a Empresa Industrial pelo bom exito d'esta primeira prova.

A pequenez d'esta machina não quer dizer que não pudessemos já construir em Portugal locomotivas de grandes dimensões para via larga.

Outras machinas de não menor responsabilidade teem sahido já das officinas d'aquela Empresa, da Fundição do Ouro, no Porto, da Cooperativa Industrial Social, e outras, e se dantes se julgava que não podíamos construir machinas de maior força, hoje, desde que os direitos paulistas fizeram olhar com mais interesse para a nossa industria metallurgica, já se vê provando que muitas e diferentes machinas podemos produzir no paiz.

## INDUSTRIA DA PINTURA E OLIO BRANCO de TITANE

Extrado do Titâniu, é uma tinta que se apresenta em massa como os alvaiados, mas é de uma brancura incomparável e d'um poder de cobrimento nunca igualado.

Ressistente à ação de todos os gases e às emanações sulfurosas, bem como a todas as condições atmosféricas, e isento de qualquer veneno, visto que na sua composição não entra o óxido de chumbo, como sucede com todos os alvaiados.

Está sendo adoptado em quasi todos os países da Europa, não só por ser altamente higiénico, como ainda por o seu poder de revestecimento permitir uma economia de cerca de 30 %, comparativamente com o melhor alvaiado.

Quem uma vez aplica esta tinta, não mais prefere outra.

A venda nos Depositários para Portugal e Ilhas Adjacentes:

**DROGARIA MOURA, L. DA**  
L. S. Domingos, 101

PORTO

## JUSTO PREITO Á MEMÓRIA DE PLÁCIDO DE ÁBREU

Em complemento do que informamos na secção respectiva, podemos acrescentar que, chegou a Lisboa, no "sud" do dia 25 do passado mês, o comandante Lelo Portela, adido militar da Aeronáutica de Portugal, em Paris, acompanhado dos srs. Crozepon, redactor do "Petit Parisien", que representava a empresa desse conceituado jornal francês, e Dravet, dos serviços "Air Propagande".

Segundo autorizadas afirmações a festa de aviação a realizar em memória de Plácido de Abreu, efectuar-se-á, possivelmente no dia 4 do próximo mês de Novembro, no campo de aviação da Amadora e terá a colaborá-la valiosos aviadores, tais como o inglês Clarkson, o checo Navak, o francês Michel Detryat, o italiano Colombo, o alemão Achgelis e, muito naturalmente, ainda outros "ases" da aeronáutica internacional.

Certamente que os nossos melhores aviadores se hão de associar a esta manifesta prova de solidariedade prestada à família do malogrado aviador e que simultaneamente é prova de fervoroso holocausto à memória de Plácido de Abreu.

## TINTURARIA Cambournac

11, L. da Annunciada, 12-175-A, Rua de S. Bento, 175-B

Officinas a vapor — RIBEIRA DO PAPEL

Tintas para escrever de diversas qualidades rivalizando com as dos fabricantes ingleses, alemães, e outros

Tinge seda, lã, linho e algodão em fio ou em tecidos bem como fato feito desmanchado — Encarrega-se de reexpedição pelo caminho de ferro ou qualquer outra via — Limpa pelo processo parisiense fato de homem, vestidos de seda ou de lã, etc., sem serem desmanchados — Os artigos de lã limpos, por este processo não estão sujeitos a serem atacados pela traça.

## Porto-VAMAR

Vinhos AUTENTICOS do Porto com VELHICES GARANTIDAS

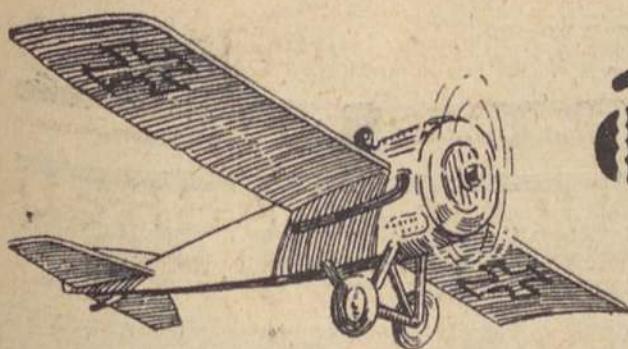
AGENTE UNICO PARA TODO O MUNDO:

**A. D. MARQUES**

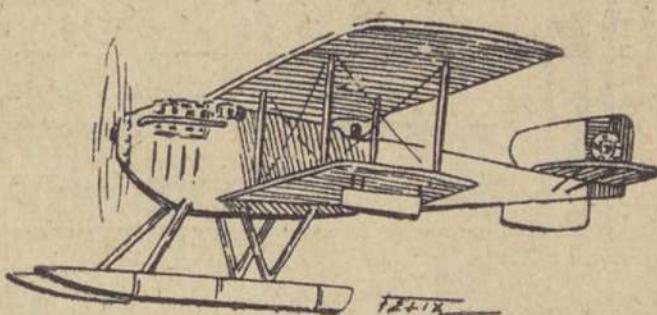
Estrada de Benfica, 749 — LISBOA-Norte

Endereço telegráfico: VAMAR — Lisboa

Telefone: N. 5818



# AVIÃO



## EM MEMÓRIA DE PLACIDO DE ABREU

A *Folha de Informações*, editada pela "Casa de Portugal", em Paris, informa o seguinte, no seu número referido a este mês:

"A "Casa de Portugal", que tem acompanhado com todo o interesse os esforços feitos em França para dar uma recompensa póstuma ao temerário heroísmo do aviador Plácido de Abreu, melhorando a situação material de sua mulher e de seu filho, regista com satisfação a informação seguinte:

O *meeting* de aviação de Vincennes, no de curso do qual o capitão Plácido de Abreu encontrou a morte, era organizado por uma empresa técnica, "Air-Propagande", sob o patrocínio do "Petit Parisien", que é, como se sabe, o jornal de maior tiragem no Mundo inteiro. O "Petit Parisien" entende hoje, sempre com o concurso da "Air-Propagande" (e assim o comunicou ao adido militar junto da Legação em Paris, major Lelo Portela, ao chefe dos serviços de imprensa da mesma Legação, sr. Paulo Osório e ao sr. Ferreira dos Santos, gerente da "Casa de Portugal"), certo de ir ao encontro dos melhores votos desses portugueses, pagar aquilo que ele considera uma dívida à memória do grande e malogrado aviador.

Daqui a algumas semanas, provavelmente em Ou-

tubro, realizar-se-á em Lisboa uma festa de aviação na qual tomarão parte, vindos de França, os mais ilustres, os mais prodigiosos "ases" da acrobacia aérea. Será um espectáculo extraordinário, como Lisboa nunca viu, tão bom como o melhor que seria hoje possível organizar-se em qualquer outra capital do mundo. O produto líquido, integral, desse espectáculo, reverterá, em favor do filho de Plácido de Abreu. E a empresa do "Petit Parisien" juntará a essa receita o dom de 50.000 francos, importância que constitui, por consequência, um mínimo com o qual, em todas as eventualidades, a família do aviador desde já pode contar.

Para tratar da organização dessa festa sem precedentes, de acordo com as autoridades da aeronáutica portuguesa, partirá para Lisboa uma comissão este mês. Acompanhará essa comissão um dos principais redactores do "Petit Parisien" especializados nas grandes reportagens no estrangeiro, que escreverá uma série de artigos sobre Portugal. Mais ainda: Aproveitando o ensejo da publicação desses artigos e da festa de aviação, a empresa do mesmo jornal, proprietária das estações emissoras Poste Parisien e Rádio-Toulouse, consagrará durante esse período, uma vez por semana, a Portugal e à propaganda portuguesa, uma pater do programa emitido por essas estações."

## NOVO TIPO DE AVIÃO MILITAR

A despeito de toda e qualquer construção de aparelhos militares que se efectue na Inglaterra estar sujeita ao mais absoluto segredo, sabe-se já e até com a comprovada documentação fotográfica do assunto que, há poucos dias se realizaram experiências dum novo tipo de avião militar, *biplace*, acionado por motor "Roll Royce", de 700 H. P. de força, com sistema de refrigeração por meio de vapor e que tem a particularidade de não ter cauda.

Deve-se este novo tipo de aeroplano aos aturados estudos do capitão Hill que, desde há muito anos está preocupado com a solução do caso que se propôz resolver.

Segundo as experiências, que se realizaram cerca das de especial sigilo (!), o avião assim construído

satisfaz as exigências dos peritos que lhe notaram, sobretudo, a excepcional vantagem para o ataque a tiro, pois é dotado de grande visibilidade além de se poder dirigir fogo em todas as direcções, nomeadamente para a rectaguarda.

O leme de direcção é substituído nêle por dois discos verticais, dispostos nas extremidades das asas, as quais formam um plano em forma de V, com o vértice truncado e dirigido para a frente, por sobre o motor.

Acrescenta ainda a inconfidente informação que o trem de aterragem se pode escamoteiar, por um simples comando do piloto, assim que o aparelho esteja elevado do solo.

**Sociedade Anónima  
BROWN, BOVERI & C.<sup>IE</sup>**  
**BADEN (FABRICAS EM BADEN E EM MUNCHENSTEIN) SUISSA**

A firma que instalou o maior numero de kilowatts nas Centrais Eléctricas Portuguesas—  
A firma que montou o maior numero de turbinas a vapor em Portugal: 15 turbinas com a potencia de 43.575 cavalos

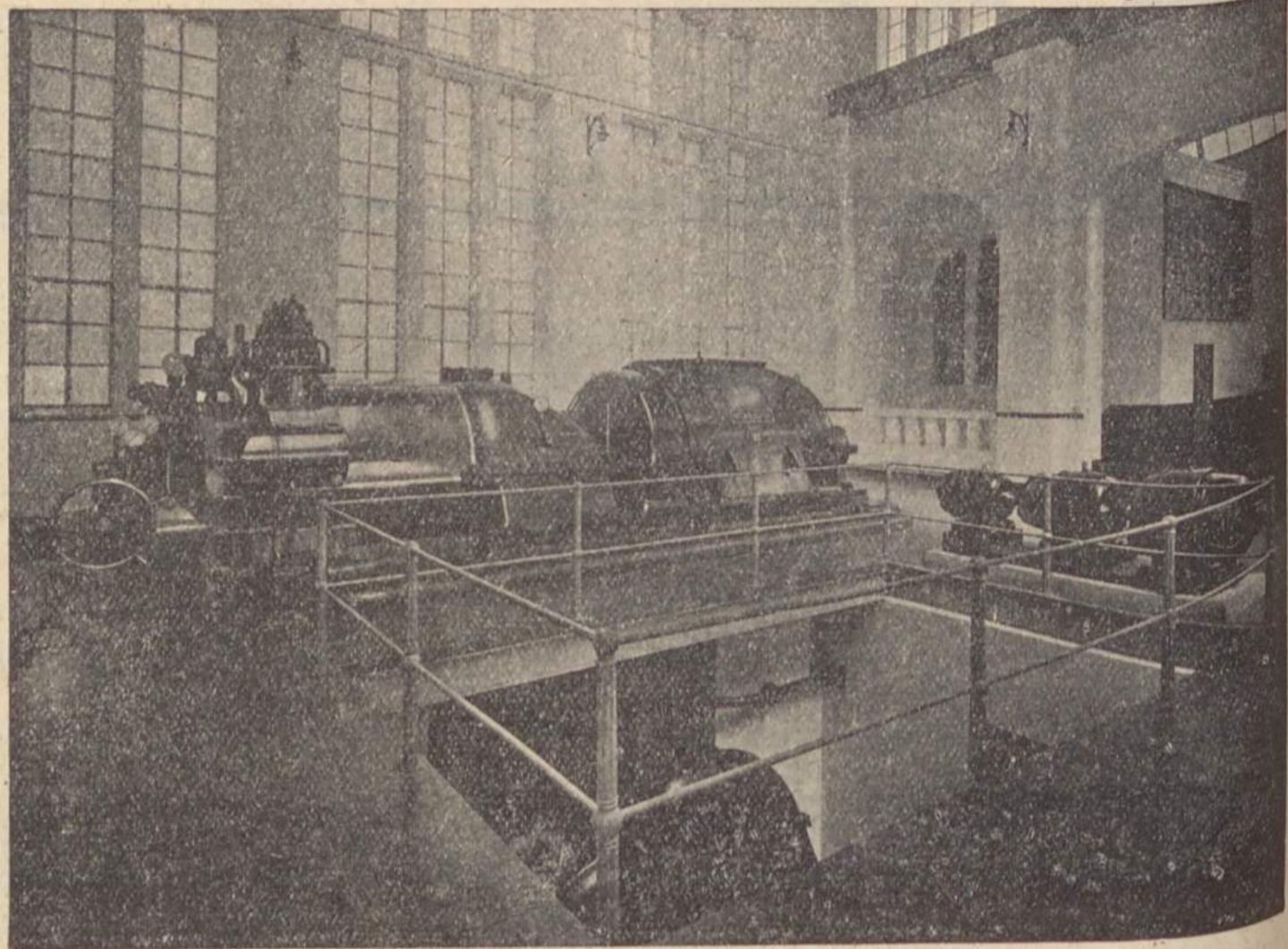


Representante geral:

**EDOUARD  
DALPHIN**

ENGENHEIRO-  
DELEGADO

Escritório: R. Passos Manuel 191-2º



**III P O R T O**

Um dos turbo-grupos de 11.000 cavalos da central térmica do Freixo,  
da Sociedade Anónima União Eléctrica Portuguesa, Pôrto



**Tomás da Cruz & Filhos, Ltd.<sup>a</sup>**

Telefone PRAIA DO RIBATEJO N.º 4  
Armazéns de madeiras e Fabricas Mecânicas de Serração  
PRAIA DO RIBATEJO, PAMPILHOSA  
DO BOTÃO, CAXARIAS E CARRIÇO

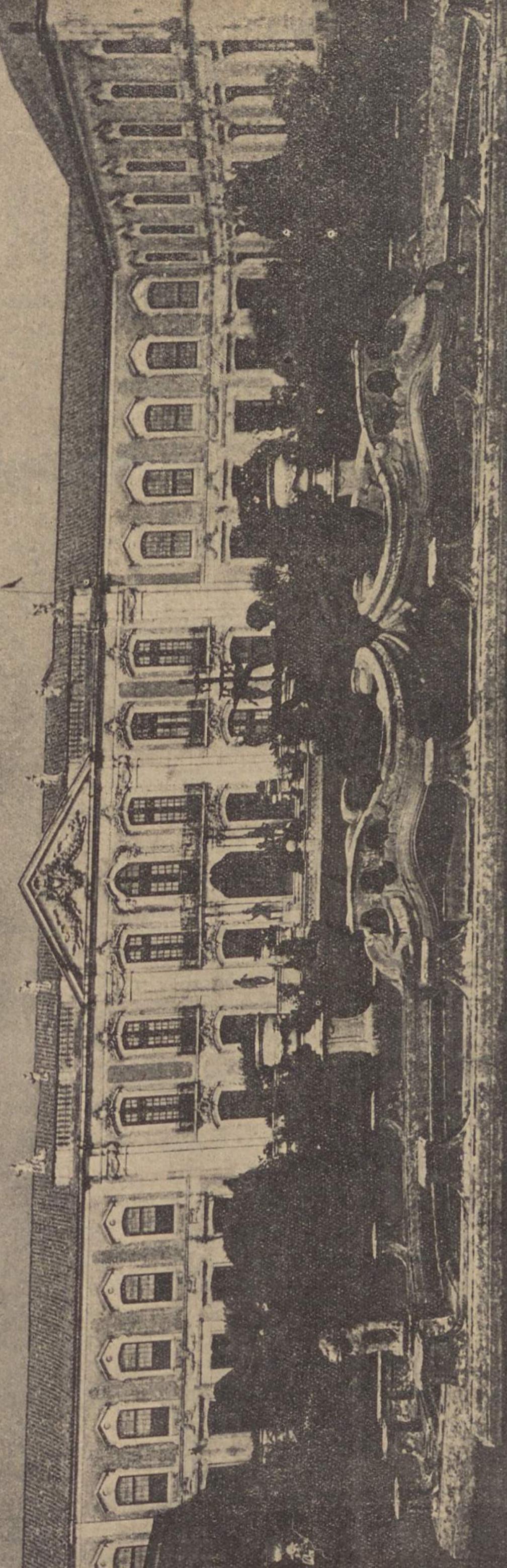
**CAIXOTARIA  
DOCA DE ALCANTARA  
LISBOA**

Séde para onde deve ser dirigida toda a correspondência:  
PRAIA DO RIBATEJO — PORTUGAL  
Telegramas: TOCRUZILHOS Praia do Ribatejo

**COMPREM O «MANUAL DO VIAJANTE EM PORTUGAL»**

à venda em todas as livrarias.

Frein pour Chemins de Fer à Vapeur & électriques,  
Automotrices, Camions automobiles &c.  
Chauffage & Conditionnement de l'air pour tous Véhicules  
ÉTABLISSEMENTS DE FREINVILLE,  
**Sevran (Seine-et-Oise) France**



QUELUZ — O PALACIO — (FACHADA PRINCIPAL)